



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCISCO ALDEMIR DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO SÓCIO-DISCURSIVA DO SUJEITO “PANICAT” NA
MÍDIA: Um estudo em Análise do Discurso em linha Francesa**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
Junho/2019**

FRANCISCO ALDEMIR DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO SÓCIO-DISCURSIVA DO SUJEITO “PANICAT” NA
MÍDIA: Um estudo em Análise do Discurso em linha Francesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Carolina Coeli Rodrigues Batista

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
Junho/2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Francisco Aldemir dos.
A construção sócio-discursiva do sujeito "Panicat" na mídia: um estudo em análise do discurso em linha Francesa. [manuscrito] / Francisco Aldemir dos Santos. - 2019.
68 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Carolina Coeli Rodrigues Batista, Coordenação do Curso de Administração - CCEA."
1. Análise do discurso. 2. ideologias, machismo. 3. sujeito-mulher. I. Título

21. ed. CDD 410

FRANCISCO ALDEMIR DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO SÓCIO-DISCURSIVA DO SUJEITO “PANICAT” NA MÍDIA: Um estudo em Análise do Discurso em linha Francesa

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba/Campus IV, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Análise do discurso em linha francesa

APROVADO EM: 19 de junho de 2019.



Prof^a. Dr^a. Carolina Coeli Rodrigues Batista
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma.^a Elianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por tudo o que Ele tem feito em minha vida e por tudo que ainda vai fazer. Agradecer por ter me sustentado durante todo esse tempo, ter me dado forças, saúde e nunca ter me desamparado, principalmente nos momentos mais difíceis, pois se hoje estou aqui foi por sua provisão e cuidado. Por tudo isso, Senhor, eu te dou graças!

Aos meus pais, Rita e Chico, por sempre terem se empenhado em cuidar de mim, fazendo tudo o que estava ao alcance deles para me verem bem e feliz. Contudo, quero agradecer a minha mãe em especial, pois sei que o seu amor por mim transcende o meu entendimento. Obrigado por nunca deixar me faltar nada que eu precisava, mãe! Obrigado por sempre querer me poupar das coisas ruins, por querer me ver bem e cuidar de mim de uma forma que não tem como descrever. Nunca irei esquecer o primeiro dia de aula quando enquanto almoçava com a senhora, eu, apreensivo e nervoso por não saber do mundo novo que se abria pra mim, que era a universidade, desabafei contigo e na mesma hora a senhora me presenteou com palavras de conforto e motivação que me fizeram ir naquela tarde para a universidade tendo a certeza de que, independentemente de qualquer coisa, a senhora sempre estaria comigo. Mãe, definição de amor sempre será o seu!

Aos meus irmãos Almir, Diana e Damiana, que são a família que Deus me deu, as pessoas pelas quais eu devo todo o meu amor e gratidão. Saibam que vocês sempre serão meus exemplos de integridade, bondade e humildade, e nada que eu possa escrever aqui será suficiente para agradecer por tudo que vocês já fizeram por mim. Foram incontáveis vezes em que eu precisei de vocês, até mesmo durante essa trajetória acadêmica, e vocês sempre estiveram prontos a me ajudar. Por tanto, espero de todo coração que um dia eu possa retribuir tudo o que vocês já fizeram por mim. Essa vitória é de cada um de vocês!

Agradeço de forma especial a minha colega de curso, a amiga que a universidade me deu, a pessoa com a qual eu dividi todos os momentos, bons ou ruins, da época de faculdade: Uênia. Amiga, serei eternamente grato a Deus por Ele ter me presenteado com a melhor companheira possível. Começamos juntos dentro de uma veraneio para realizar a matrícula, passamos por tudo sempre juntos e hoje concluímos esse ciclo mais uma vez como sempre estivemos, juntos. Que todo o

nosso apoio, companheirismo e amizade fiquem sempre em nossas lembranças mais bonitas da época de LETRAS 2013.2. Gratidão por estar sempre ao meu lado!

Sou grato também a essa instituição de ensino que tanto me acolheu e me oportunizou o contato com um conhecimento que fez de mim um profissional, me ajudando a amadurecer e abrir meus horizontes para enxergar além do óbvio. Sim, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sempre terá um lugar especial em minha história, pois foi através dela que tive a oportunidade de conhecer pessoas que ficarão guardadas em meu coração e viver momentos tão bons e marcantes.

Quero agradecer à minha orientadora Carolina Coeli Rodrigues Batista, não apenas por ter me orientado na construção desse trabalho, mas principalmente por ter despertado em mim um senso crítico e um olhar mais contundente sobre a realidade, mediante todas as suas aulas e reflexões, pois foram momentos importantes para minha formação pessoal e profissional. Serei eternamente grato por a vida ter me dado a oportunidade de conhecer você, Carol!

Aos meus professores que através de todas as suas intervenções puderam contribuir para a concretização desse momento. Saibam que o contato com cada um de vocês foi de grande importância para minha construção não apenas enquanto profissional, mas enquanto pessoa. Certamente, alguns de vocês me ensinaram a não fazer igual, já tantos outros me serviram de modelo, referência e são a vocês, que me inspiraram, que eu devo minha eterna gratidão e carinho.

Sim, em especial quero deixar meu agradecimento àqueles professores que marcaram minha trajetória acadêmica e me influenciaram, me inspiraram a ser quem eu sou hoje, seja no âmbito pessoal ou profissional, pois com certeza os conhecimentos adquiridos a partir de cada aula de vocês foram os mais significativos: Carol, Nêga, Vaneide, Mauriene, Eliene, Aparecida e Fábio, vocês fizeram a diferença em minha vida. A vocês eu só tenho a agradecer e dizer o quanto admiro o compromisso e a humanidade que vocês carregam dentro de si. Meu muito obrigado, mestres!

Quero agradecer também a uma das pessoas mais generosas e bondosas que tive oportunidade de conhecer no departamento de LETRAS, irmão Neto. Obrigado, amigo, por sempre me receber com um sorriso em sua sala, pelas nossas conversas e por sempre estar disposto a me ajudar no que fosse preciso. Que Deus continue te abençoando, conservando essa sua bondade e derramando paz e

prosperidade em sua família. Tenha certeza do meu carinho e consideração por você, irmão Neto!

Agradecer aos meus colegas de classe, alguns dos alunos da turma de Letras 2013.2, em que muitas vezes eu tive que me espelhar neles para poder continuar. Foi através da forma como eu via cada um lidando com determinada situação que minha força para não desistir permanecia firme. Obrigado por toda cumplicidade e carga compartilhada. Um futuro brilhante para cada um de vocês!

Agradecer a minha amiga Luana por sempre ter estado ao meu lado, seja na faculdade ou fora dela. À você minha amiga eu só tenho que agradecer e desejar sempre o melhor. Seu companheirismo e sua amizade sempre me serão como um presente de Deus!

Por fim, quero agradecer a cada pessoa que trouxe sua contribuição para a realização dessa conquista, seja com sua ajuda direta ou até mesmo indiretamente, motivando-me a continuar sem ao menos ter consciência disso . Que Deus continue abençoando a cada um e que vocês continuem sendo bênçãos em minha vida. Sou grato, grato, grato por tudo e todos!

Nos dias atuais existe uma intenção maior de fazer com que a 'sociedade' acredite que as mulheres não precisam mais lutar por seus direitos ou a intenção de fazer acreditar que não há mais necessidade de revolução, de mudanças.

(Conceição Nogueira).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Imagem referente ao primeiro grupo de Panicats.....	40
Imagem 2 – Imagem referente ao programa Pânico na Tv.....	41

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	CONCEITOS BASILARES EM ANÁLISE DO DISCURSO.....	13
	1.1 O que é e como surgiu a Análise do Discurso de linha francês.....	13
	1.2 Conceitos relevantes em Análise do Discurso.....	18
2	O SUJEITO-MULHER NAS MALHAS DA HISTÓRIA.....	25
3	O SUJEITO-PANICAT.....	37
	3.1 Origem do nome.....	38
	3.2 Discursivização midiática acerca das “panicats”: análise de reportagens relacionadas a esse sujeito.....	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	ANEXOS.....	62

A CONSTRUÇÃO SÓCIO-DISCURSIVA DO SUJEITO “PANICAT” NA MÍDIA: Um estudo em análise do discurso em linha francesa

Francisco Aldemir dos Santos*
Carolina Coeli Rodrigues Batista*

RESUMO

Diante de uma sociedade que vem se tornando mais reflexiva e consciente, buscando assim se libertar de todas as prisões ideológicas injustas que por tempos tem se instaurado em nosso meio, o presente trabalho tem como objetivo analisar e discutir as ideologias machistas propagadas no programa televisivo Pânico na Tv, possibilitando uma reflexão acerca de como o sujeito-mulher, mesmo diante de tantas conquistas históricas e avanços sociais, ainda permanece sendo vítima de tantos preconceitos e paradigmas ideológicos ofensivos à sua própria liberdade e autonomia. Para a realização do mesmo foi necessário um estudo sobre a Análise do Discurso (AD) em razão de toda a análise está embasada por conceitos e procedimentos pertencentes a essa área da ciência que permite *analisar* e entender todo discurso ou prática discursiva de maneira mais aprofundada e consistente. Como o presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa de caráter analítico, descritivo e bibliográfico, optamos assim por uma seleção de teóricos e estudiosos que trabalham como a AD, como é o caso de Orlandi (2009), Michel Pêcheux (1999) entre outros; como também autores que lidam com as questões feministas e que trazem em seus estudos a construção historicosocial do sujeito-mulher, sendo eles: Simone de Beauvoir (1949), Gilles Lypovetsky (1997) etc. A referida pesquisa baseia-se na análise discursiva de algumas reportagens de acontecimentos referentes ao programa Pânico na TV, reportagens essas que trazem, sob pano de fundo, todo o machismo que predomina nesse espaço televisivo e os estereótipos machistas formulados às Panicats. Conclui-se, ou melhor, compreende-se com a tal que muitas vezes as ideologias machistas rodeiam nossas práticas discursivas de forma tão natural e velada que nem nos damos conta, porém é necessária mais que uma visão empírica para compreendermos e desconstruirmos toda essa propagação ideológica, e é sob essa visão que o presente trabalho torna-se necessário e relevante para nossa própria construção enquanto sujeitos sociais críticos e reflexivos, uma vez que apresenta como resultado uma reflexão acerca das questões ideológicas machistas que afronta e denigre à figura feminina.

Palavras-chave: Análise do discurso; ideologias, machismo; sujeito-mulher

*Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.

E-mail: al-demirsantos@hotmail.com

* Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. E-mail: carolina_coeli@yahoo.com.br

THE SOCIO-DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE SUBJECT "PANICAT" IN THE MEDIA: A study in analysis of French online

ABSTRACT

Faced with a society that has become more reflexive and conscious, seeking to free itself from all the unjust ideological prisons that have been established in our country, the present work aims to analyze and discuss the machismo ideologies propagated in the television program Panic on TV, allowing a reflection on how the subject-woman, even in the face of so many historical achievements and social advances, still remains the victim of so many prejudices and ideological paradigms offensive to their own freedom and autonomy. For the accomplishment of the same it was necessary a study on the Discourse Analysis (AD) because the whole analysis is based on concepts and procedures belonging to this area of science that allows analyzing and understanding all discursive discourse or practice in a more thorough and consistent. As the present work is characterized as a research of an analytical, descriptive and bibliographic character, we opted for a selection of theorists and scholars working as the AD, as is the case of Orlandi (2009), Michel Pêcheux (1999) among others; as well as authors who deal with feminist issues and who bring in their studies the historico-social construction of the subject-woman, being: Simone de Beauvoir (1949), Gilles Lypovetsky (1997) and so on. This research is based on the discursive analysis of some reports of events related to the program Panic on TV, reports that bring, in the background, all the machismo that predominates in this space television and the macho stereotypes formulated to the Panicats. It is concluded, or rather understood, that such ideologies often surround our discursive practices so naturally and veiled that we do not even realize it, but it takes more than an empirical view to understand and deconstruct all this propagation ideological, and it is under this view that the present work becomes necessary and relevant to our own construction as critical and reflexive social subjects, since it presents as a result a reflection on the machismo ideological issues that defaces and denigrates the female figure.

Keywords: Discourse analysis; ideologies, machismo; guy-woman

INTRODUÇÃO

Não há como negar que estamos vivendo um momento histórico no qual tem sido posto em discussão, ainda que de forma parcial e insuficiente, as tantas e tantas ideologias e padrões que nos foram rigorosamente impostos e cobrados ao longo do tempo. Porém, ainda há muito o que evoluir em relação à ruptura de padrões e rótulos advindos de ideologias preconceituosas, ignorantes e machistas. Mas, decerto torna-se evidente que uma nova forma de repensar o mundo, enxergar a realidade e lidar com essas questões tem chegado gradativamente e se colocado em nossa sociedade.

É sob essa ótica de esclarecimento e conscientização que a presente pesquisa faz-se necessária, pois tendo consciência de uma sociedade machista e desigual que tem raízes fortalecidas historicamente, esse trabalho vem como resposta às formas de preconceito e desvalorização que especificamente a figura feminina vem enfrentando durante anos e é com base nisso que o referido trabalho tem o intuito de desconstruir, para construir, quem sabe, uma sociedade menos machista.

Para isso, um estudo sob o aspecto ao qual é colocado o confronto ideológico submetido à misoginia sofrida por mulheres baseado nas construções da análise do discurso de linha francesa norteará a presente pesquisa, na qual se baseia em refletir e discutir a construção social em que a mulher contemporânea é vítima, tendo como objeto de análise a *mulher panicat* e as questões ideológicas que a envolvem, valendo-se também para tal discussão a análise de reportagens e acontecimentos veiculadas na mídia relacionados ao programa “Pânico na tv”, bem como às próprias *panicats*.

Assim, através dessa análise a presente pesquisa tem o intuito de provocar uma maior reflexão a respeito das influências negativas que o discurso “idiotizado” da mulher como objeto imposto pela mídia traz a toda sociedade, além de observar as influências ideológicas machistas para a construção de estereótipos à mulher contemporânea, a qual sofre resistência em sua busca por autonomia e liberdade e, além disso, o trabalho em questão procura discutir como esses estereótipos machistas influenciam na autoimagem das *panicats*, ou seja, na forma como elas próprias se enxergam, bem como de todas as mulheres que estão de alguma forma submetidas a isso.

A presente pesquisa conta ainda com uma seleção de autores que trabalham com a análise do discurso, como também discutem a figura feminina atrelada ao preconceito histórico em razão das ideologias machistas que até hoje atravessam nosso contexto sociocultural. Além disso, os teóricos, de modo geral, ainda estudam as causas e consequências que essas verdades tidas como absolutas influenciam na construção de estereótipos na pós modernidade.

Para que a presente pesquisa possa ser desenvolvida será necessário fazer uso de uma metodologia analítica, uma vez que se configurará em sua totalidade na análise discursiva sobre uma temática específica (embora bastante abrangente). Além do mais, a pesquisa ainda contará com uma organização descritiva ao passo que para realizar a análise, antes de tudo, é necessário descrever aquilo que será analisado, ou seja, o trabalho se valerá da apresentação de um objeto de estudo, que no caso, como dito anteriormente, está socialmente veiculado à mídia.

Para tanto, o trabalho está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro capítulo a apropriação dos conceitos basilares em Análise do Discurso; o segundo, a compreensão acerca do sujeito-mulher nas malhas da história; e por fim, o terceiro capítulo que apresente uma discursivização midiática acerca das panicats, capítulo esse que traz a análise de reportagens relacionadas a esse sujeito.

Diante da presente pesquisa pode-se apresentar que a mesma tem por objetivos: proporcionar uma reflexão acerca da importância em que a Análise do Discurso, enquanto dispositivo de leitura, assume diante de um mundo com tantas influências ideológicas; compreender a trajetória do sujeito-mulher ao longo da história em sua busca por liberdade e autonomia; analisar e discutir as ideologias machistas propagadas no programa televisivo pânico na Tv; entender como os estereótipos machistas formuladas à mulher “panicat” influenciam negativamente na autoimagem dessas, bem como fere a figura feminina na contemporaneidade.

Por fim, o trabalho ainda propõe um aporte bibliográfico, pois, como qualquer outra pesquisa, esse se pautará em importantes teóricos a fim de melhor analisar a problemática em questão à luz de teorias, estabelecendo então uma maior confiabilidade e coerência. Portanto, autores como Orlandi (2009), Michel Pêcheux (1999;2008), Grigoletto (2007), Simone de Beauvoir (1967), Gilles Lypovetsky (1997) e o próprio Michel Foucault (1995), dentre outros, trazem suas inquestionáveis contribuições para a presente pesquisa, de modo a tornar nossa análise contundente, coerente e confiável.

1 CONCEITOS BASILARES EM ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso, conforme será discutido a seguir com maior clareza e profundidade, é uma ciência que estuda o discurso de modo a perceber e analisar as inúmeras ideologias presentes em um texto. Por vezes, essas ideologias estão e são propagadas de forma implícita, manipulada e velada. É o que acontece no programa “Pânico na TV”, por exemplo, quando faz uso da imagem da mulher de forma machista e ofensiva, propondo assim uma objetificação em torno da mulher “*Panicat*”, de forma natural e “cômica”, porém extremamente nociva e desfavorável.

Desse modo, para que seja possível discutir e analisar de forma contundente tal discurso machista, por vezes escancarado e, ao mesmo tempo, tão mascarado em forma de risos e rótulos, como acontece no programa “Pânico Na TV”, é preciso realizar uma reflexão não apenas empírica, mas torna-se imprescindível, nesse caso, realizarmos uma reflexão e análise respaldadas, sobretudo, em teorias e bases científicas. Uma percepção à luz da ciência.

Sendo assim, a Análise do Discurso, em sua totalidade, se instaura como uma ferramenta eficaz para desenvolvermos tal análise, uma vez que nos norteia, através de seus inúmeros conceitos e procedimentos a realização da mesma. No entanto, para que possamos desenvolver tal análise, antes de tudo, é preciso compreender o que, de fato, é a Análise do Discurso e suas particularidades.

1.1. O que é e como surgiu a Análise do Discurso de linha francesa

Em uma época na qual o estruturalismo ganhava cada vez mais força e estabelecia, portanto, uma padronização de ideias, principalmente no campo político, como também no uso da linguagem em um sentido estrutural e transparente, em que essa era considerada um repasse de mensagens entre indivíduos falantes, que poderiam ser meramente interpretadas à luz da própria língua, de acordo com FARIA (S/D), a Análise do Discurso (AD), surgida em meados da década de 1960, na França, vem para questionar e repensar uma nova forma de lidar com essas questões sociais, ganhando, assim, impulso ao reagir às concepções predominantes de ideologias políticas e propondo, então, uma nova forma de analisar e refletir o uso da linguagem.

Logo, tendo seu início marcado por um contexto histórico de desigualdades e discriminações sociais, no que se refere às classes dominantes, especificamente na Europa Ocidental, que se apoderavam de seus “discursos/dizeres” para reafirmar e manipular cada vez mais essas desigualdades, sobretudo, políticas, a análise do discurso surge da inquietação e reflexão acerca do uso da linguagem e da sua forma de se exercer ao propagar e canalizar, através dos textos, essas ideologias. Sobre isso, Gregolin (2007) afirma que a Análise do Discurso veio também transformar e acarretar novas mudanças no que se refere às reflexões políticas, quando diz que: “Instaurou-se, dentro da Análise do Discurso, um trabalho do significante no registro político, visando uma nova maneira de ouvir a política.” (pág. 31)

Essa afirmação de Gregolin (2007) está ligada, essencialmente, à noção de análise do discurso enquanto uma prática fundamentada na leitura e na intervenção crítica das ideologias que os discursos propagam e, por essa razão, a Análise do Discurso trouxe à política uma nova forma de se exercer e ser compreendida, uma vez que lida com as questões ideológicas dentro do discurso. Dessa forma, já nos torna claro que o objeto de estudo da Análise do Discurso não se trata da fala, nem língua, tampouco da gramática, mas como o próprio nome diz, do discurso.

Para tanto, esse campo de estudos compreende os fatores linguísticos não como mecanismos pré-determinados e estagnados, mas como meio do homem se exercer e significar-se em sociedade, ou seja, a língua, para AD, é uma ferramenta que o indivíduo utiliza de modo a propagar seus dizeres, a usá-la de forma viva, ativa e dotada de sentidos construídos pelo próprio homem, se exercendo assim sujeito social. Sobre isso, Orlandi (2009) vem esclarecer que:

[...] a primeira coisa a se observar é que a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2009, pág. 16)

Ainda conforme a referida autora, em se tratando da definição e do objeto de trabalho da Análise do Discurso, ela nos informa:

[...] a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente (...). A questão que ela coloca é: como este texto significa? (...) ela não trabalha com textos apenas como ilustração ou documentos de algo que já está sabido (...) ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade. (ORLANDI, 2009, pág.17-18)

Diante do exposto, tendo como principal representante e pioneiro Michel Pêcheux (1938-1983), que por sua vez se apropriou da Linguística, ciência essa que foi reconhecida cientificamente com os trabalhos de Ferdinand Saussure (1916), como um aporte pelo qual seus estudos foram iniciados, a análise do discurso se instaura e marca esse rompimento científico e político por meio dessa ruptura de padrões. Pois, até então, muitos estudiosos haviam estudados a linguagem exclusivamente de forma estruturalista, direcionando assim a interpretação dos textos a fatores apenas internos, interiores à própria língua, o que mais tarde, para os propósitos de Michel Pêcheux, era insuficiente.

Conforme Pêcheux (1981) *apud* Orlandi (2008), para que possamos compreender, além de interpretar, um discurso é necessário levar em consideração não apenas seu material linguístico, o código decodificado, mas a relação desse discurso com fatores externos, engendrados, sobretudo, por fatores históricos e sociais. Assim, a análise do discurso de linha Francesa trouxe, em suas bases de estudos, também, ciências como a Psicanálise, o Marxismo e a própria Linguística.

Para efetivar seu estudo, Pêcheux (1981) *apud* Orlandi (2008) fez uso, em suas raízes teóricas e científicas, de uma relação crítica com essas ciências. No entanto, isso não quer dizer que a AD vem para substituir ou se contrapor a esses três domínios do saber, mas que ao fazer uso dessas articulações teóricas, a Análise do Discurso consegue se desenvolver de forma a cumprir com eficiência e convincente seu propósito que é de analisar os discursos, retratando-se a uma nova forma de leitura, especialmente, a leitura crítica a qual determina a interpretação se valendo da relação entre sujeito, língua e história.

Orlandi (2009), em seus estudos sobre Pêcheux, vem explicar o porquê dos questionamentos feitos em torno dessas três correntes teóricas contribuir para a noção e para a prática da AD desenvolvida por Pêcheux:

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo- não o é de modo servil e trabalha uma noção- a de discurso- que não se reduza o objeto da linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (pág. 20)

Levando em consideração tal afirmação, podemos compreender que a Análise do Discurso, ao estar em congruência com esses domínios de conhecimento, conseguiu preencher lacunas que a própria AD percebeu que existiam ao levantar questionamentos acerca do objetivo de análise de cada uma dessas ciências, entendendo assim que essas não conseguiam, de modo isolado e independente, efetuar seus propósitos, suas finalidades de análise, mas que juntas poderiam fornecer à Análise do Discurso algumas contribuições. Ou seja, Pêcheux percebeu que para desenvolver seus estudos de forma precisa seria necessário estudar a linguagem/o discurso levando em consideração áreas do conhecimento que, até então, se desenvolviam de modo isolado, o que para ele era algo insatisfatório e incapaz.

A partir de então, a AD ganhou cada vez espaço e repercussão entre os estudos voltados à linguagem e compreensão que essa assume diante de uma conjuntura política, social e histórica na qual nós sujeitos estamos inseridos. Além disso, outros estudiosos desenvolveram seus estudos e suas reflexões acerca dessa prática, fomentando ainda mais essa discussão, dentre eles vale destacar: Michel Foucault, que também, assim como Pêcheux, conquistou um maior destaque através de suas contribuições para essa área de estudo, e Orlandi (2006), como já citamos.

Em suas muitas explorações em Foucault, Pêcheux percebeu e se apropriou de algumas de suas compreensões acerca do discurso e suas particularidades, elaborando e fundamentando ainda mais meios para que pudesse, então, desenvolver uma prática organizada e elaborada, de modo a dar propriedades sistemáticas e compreensíveis acerca dessa análise. Contudo, Pêcheux embasado nas ideias de Foucault, ao lidar com o discurso dizia que

[...] a construção teórica da intertextualidade e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável. (PÊCHEUX, 1999, p. 09)

E foi a partir dessas inferências e dessas lapidações teóricas, desse paralelo entre crítica, compreensão e reflexão, marcada por uma presença de importantes estudiosos que a Análise do Discurso se desenvolveu e vem se desenvolvendo, definindo-se cada vez mais, como, nos diz Orlandi (2006), uma atividade de análise como qualquer outra, mas que tem seu próprio objeto de estudo, no caso o discurso. Sobre isso, a referida autora afirma que:

[...] a análise do discurso não é um nível diferente de análise, se considerarmos níveis como o fonético, o sintático, o semântico. É, antes de tudo, um ponto de vista diferente...o ponto de vista da análise do discurso é diferente do da linguística estabelecida e, por isso, instaura um objeto diferente. Esse objeto, que é um objeto de conhecimento, é o discurso (...) (ORLANDI, 2006, pág. 158)

Além disso, Orlandi (2006) vem afirmar que a análise do discurso, tal como se apresenta hoje, pode ser vista como uma forma de conhecimento da linguagem que procura constituir sua metodologia e suas técnicas.

Apropriando-se dessa afirmação, entende-se que a Análise do Discurso não se dá, como já dito anteriormente, de forma empírica ou simplificada, portanto, não consiste em uma prática de leitura superficial ou baseada em “achismos”, mas consiste em um dispositivo de leitura que precisa ser desenvolvido de modo aprofundado, respeitando a determinadas etapas de análises e que requer para sua efetivação a compreensão de toda uma série de conceitos os quais nortearão o analista a todo momento, fazendo com que esse perceba a origem desse discurso, o porquê da existência/propagação desse discurso e o mais importante, as marcas que esse discurso traz, conceitos e questionamentos esses que discutiremos a seguir.

1.2 Conceitos relevantes em Análise do Discurso

Como já dissemos, a AD não consiste em uma atividade simplista e reduzida, tampouco se desenvolve de forma aleatória, mas trata-se de uma atividade de investigação e reflexão minuciosa, capaz de trazer à tona aquilo que propositalmente, ou não, foi disfarçado. Isto é, compreender o que está nas entrelinhas e ir além do explícito. No entanto, para efetuarmos nossa análise de modo a atender essa compreensão, precisamos entender o que há por trás desse discurso, perceber as influências que esse sofre e conhecer todo o movimento social e histórico que está relacionado a ele.

Trazendo essa discussão para nossa análise, como já foi dito anteriormente, nosso objetivo primordial é destacar e analisar o discurso oriundo de uma ideologia machista que se relaciona e denigre a imagem do sujeito Panicat, e além disso, compreender como esse discurso acerca dessa mulher no contexto televisivo, mais precisamente no programa “Pânico NA TV”, se fundamentou e o porquê dele existir.

Portanto, sendo nosso principal objeto de análise, assim como em qualquer outro estudo em AD, a noção de discurso ganha uma importância fundamental em nossas discussões, e não conseguiremos desenvolver nossa análise de uma outra forma, senão compreendendo e discutindo de forma contundente e efetiva a noção desse conceito, e de demais conceitos que os norteiam.

Diante de tal questão, Orlandi vem expor a noção de discurso trazendo para sua definição inicial o próprio significado etimológico da palavra. Em seu livro *“Análise de Discurso – princípios e procedimentos”*, a presente estudiosa expõe tal ótica quando diz que: “A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em prática, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2009, pág. 15)

Levando em consideração tal afirmação, torna-nos compreensível que o discurso é uma mediação que se faz necessária no processo de interação entre o homem e seu contexto social, isto é, o discurso é a relação resultante do homem com seu espaço social e com o tempo, pois através do discurso o homem pode se pronunciar e fazer sentido à linguagem que lhe foi atribuída. Desse modo, o discurso é a prática real e efetiva da linguagem que ao se apropriar dela o homem se insere e se propaga socialmente.

Além disso, como enfatiza Orlandi (2009), o discurso é um objeto sócio-histórico e, por isso, se caracteriza como algo inacabado e passivo à influências e transformações, não podendo assim ser analisado como um produto individual, mas como uma construção do homem em confronto com sua condição histórica e social. Logo, o discurso estabelece uma relação entre o homem e a história, tratando-se então de um instrumento vivo de interação e “construção” social.

Ainda nos apropriando das discussões de Orlandi, temos mais uma definição acerca do que é discurso, segundo a própria estudiosa: “o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2009, pág 21). Sendo essa, então, uma das melhores definições acerca dessa prática de linguagem, uma vez que o discurso expressa esses sentidos e cabe a AD discutir e trazer à tona o(s) sentido (s) que um discurso apresenta em um determinado contexto.

Dessa forma, até mesmo por já ter discutido a função que a própria Análise do Discurso desempenha, compreendemos que o discurso nem sempre tem seu sentido explícito, muitas vezes o sentido de determinado discurso encontra-se nas entrelinhas do texto e cabe ao analista desvendar e trazer à tona através de sua análise esse sentido.

Diante das definições já apresentadas acerca do discurso torna-se claro que esse não se caracteriza como um produto inteiramente individual, mas construído e resultado de fatores sociais. Aqui, podemos fazer menção ao interdiscurso que, como nos diz Dantas (2007, pág. 73): “a fala de todo sujeito é perpassada por dizeres de outros lugares e outros sujeitos.” Assim, o interdiscurso se vale da apropriação de um discurso que já existe, em suma, o interdiscurso consiste na propagação de um determinado discursos, ou seja, um discurso que provém de outro.

Ainda sobre interdiscurso, Orlandi afirma que “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido.” (ORLANDI, 2009, pág. 33)

Com base nisso, entendemos que o homem constrói à medida que também é construído. Ou seja, não é o homem que fala em si, mas é o homem que está inserido em um espaço social que foi interpelado pela história que fala, e são essas influências (sociais e históricas), que são expostas através do próprio discurso, que se caracteriza como sendo a linguagem em andamento, que precisamos analisá-las,

pois são elas que fomentam as construções socioculturais, construções essas que se fundamentam, sobretudo, através das ideologias.

Aqui, chegamos em um dos principais pontos de nossa análise, pois são as ideologias e a forma como elas são sustentadas ao longo do tempo e o modo como são expostas no contexto televisivo do programa em questão que pretendemos analisar, por isso, a noção de ideologia precisa ser tão bem apurada e captada.

De acordo com o dicionário Aurélio de língua portuguesa, a definição de Ideologia se dá como: “*I.d.e.o.l.o.g.i.a. sf 1. Ciência da formação das idéias. 2. Sistema de idéias. I.d.é.i.a.s sf. Pl. O conjunto pensamentos e concepções de um indivíduo ou de um grupo social, em qualquer campo (5); opinião; ponto de vista.*” (AURÉLIO, pág. 400, 2004)

No entanto, para a discussão em questão, é preciso ir além dessa definição, necessitando, assim, compreender a ideologia em um sentido discursivo, ou seja, torna imprescindível discutir como a Análise do Discurso entende a ideologia e qual a influência que essa acarreta nos discursos. Valendo-se da definição exposta pelo dicionário Aurélio, percebemos que a ideologia se caracteriza como sendo um “norte”, uma construção ideológica que, possivelmente, conduz as pessoas às suas práticas de vida em detrimento a determinadas questões.

No caso da Análise de Discurso, a ideologia também se configura como algo coletivo que norteia os sujeitos, essencialmente em suas práticas discursivas, em seus discursos. Aliás, é a própria ideologia que constitui os indivíduos em sujeitos. Sobre isso, Orlandi mostra que: “Podemos começar a dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” (ORLANDI, 2009, pág. 46)

Ainda sobre essa definição, podemos considerar as palavras de Althusser, quando diz que

[...] trata-se de estudar as ideologias como um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção. O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição. (ALTHUSSER, 1992, p. 08)

Os próprios fatores ideológicos possibilitam o indivíduo a apropriar-se de um sentido, seja no processo de discursividade ou no processo de interpretação, pois,

com base na ideologia, os sujeitos se identificam e fundamentam, de modo inconsciente, seu dizer

É a ideologia que fornece evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc (...) evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob ‘a transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

Com essa colocação, Pêcheux coloca em questão a construção “prévia” que as palavras possuem. Sendo assim, o sentido das palavras, a noção das palavras está entrelaçado na ideologia a qual os sujeitos estão “agarrados”. E sobre isso, não temos, de certo modo, controle. Ou seja, estamos agarrados aos sentidos ideológicos que as palavras carregam. E esses sentidos já existem, e assim, apropriando-nos deles e colocamos em prática em nossos discursos, como também em nossas interpretações.

Ao discutir ideologia em sua obra, Orlandi afirma que

Ideologia não se define como o conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa; sendo necessidade da interpretação, não é consciente – ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. (ORLANDI, 1998, p. 48)

Diante disso, percebemos que a ideologia, através do discurso, faz do indivíduo um sujeito, que por sua vez está assujeitado à língua e à história da qual faz parte. Esse assujeitamento, embora inconscientemente, interfere diretamente na produção de sentidos diante de determinado discurso. É nessa perspectiva de sujeito afetado pela história e pelas ideologias arrigadas nela que Pêcheux percebeu a necessidade de trazer a psicanálise para o desenvolvimento de seus estudos em Análise do Discurso, enfatizando a presença do inconsciente na produção e significação dos discursos.

Nessa perspectiva, segundo Pêcheux (1999), o filósofo Michael Foucault trouxe as seguintes contribuições para o estudo em AD:

Ao traçar um percurso histórico da Análise de Discurso, visando uma fundamentação do contexto epistemológico desta disciplina, Pêcheux remonta-se aos trabalhos de Michel Foucault, fundamental nessa fundamentação. Acerca da influência de Foucault para a AD francesa, é feita a seguinte referência: [...] a necessidade de levar em conta, na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura desenvolvidas nos trabalhos de M. Foucault constituiu um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso: a construção teórica da intertextualidade e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável. (PÊCHEUX, 1999, p. 09)

Em linhas gerais, esse interdiscurso, sobretudo, tem a ver com as especificidades que os discursos e a atribuição de sentidos a eles possuem, pois, segundo DANTAS (2007, p.73): “a fala de todo sujeito é perpassada por dizeres de outro lugar e outros sujeitos.” Essas influências são imprescindíveis para a compreensão de todo e qualquer discurso, pois os sujeitos, ao efetuar seus discursos, recebem tais interferências, sobretudo ideológicas, sociais e discursivas.

Conforme informa Pêcheux (1993, p.77): “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Portanto, trata-se de prática não autônoma, tampouco universal, mas de uma prática em que os efeitos de produção, bem como os efeitos de sentido, são influenciados a partir de formações já determinadas (e determinantes) nesse processo de construção. Sendo assim, aqui trabalharemos exatamente a diferença entre formação ideológica, formação social e formação discursiva.

Começando por formação social, Grigoletto vem afirmar que: “O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso” (GRIGOLETTO, 2007, pág. 128). Isto é, o sujeito, que está inserido socialmente, ocupa uma determinada posição que resulta na relação de poder em detrimento a outros sujeitos, assim diante dessa posição ele assume uma formação discursiva determinada, sobretudo, pelo espaço social em que está inserido. Essa formação social condiz, portanto, com seu papel enquanto sujeito detido ou dotado de poder e seu dizer está relacionado com esse espaço social.

Desse modo, quando falamos de poder, da relação de poder que os sujeitos exercem entre si em razão de suas posições sociais, estamos falando na forma

como esses discursos acabam sendo absorvidos e legitimados como “verdades”. O sujeito à medida que discursa se coloca em um lugar, esse lugar é determinante no objetivo pelo qual esse discurso está sendo dito, e principalmente, na credibilidade que esse discurso passa a exercer diante de outros sujeitos.

Um outro fator que perpassa o discurso e que também é influenciado por questões de poder, é a formação ideológica. Por sua vez, essa se caracteriza como sendo a visão de mundo que determinada classe possui, são assim ideais defendidos e incorporados por pessoas de determinados grupos sociais. Formação essa que conduz os sujeitos em seus posicionamentos e, mais que isso, para a Análise do Discurso, se caracteriza como sendo um lugar de confronto e embate, sobretudo político.

Segundo Pêcheux (1995), as formações ideológicas são um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.

Com base nisso, entende-se que a formação ideológica está além da representação pessoal de cada indivíduo, mas tem como base uma formação que está em luta, em conflito com outras formações coletivas e que atinge cada vez mais, através do discurso e da história, outros sujeitos. Visto que, quando um indivíduo se instaura na história, ele passa a se exercer como sujeito através de uma ideologia, muitas vezes dominante, em que ele se apropria dela e isso o direciona diante dos discursos que o norteiam. Ele não a constrói, em contrapartida, ele é construído por ela, por essa razão a formação ideológica norteia os sujeitos em suas práticas discursivas.

Pode-se compreender isso melhor ao se valer da explicação de Orlandi (2009, pág. 35) com relação ao processo de apropriação e assujeitamento do sujeito diante da origem do discurso, segundo ela: “Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós.” Nos apropriando disso, podemos fazer um paralelo com a questão de como a ideologia, bem como formação ideológica se exerce também em nós.

Sobre isso, Orlandi (2006), em seus estudos baseados em Pêcheux apresenta que

O indivíduo está sempre inserido em uma determinada ideologia, portanto, se a ideologia faz dos indivíduos sujeitos, o indivíduo é sempre sujeito dentro da formação social em que está inserido. Ou seja, conscientemente, faz escolhas que são determinadas pelo *horizonte social* e ideológico de um tempo, de certa época, que resultou de movimentos sociais no decorrer da história, desencadeados pelas lutas de classe. (Orlandi, 2006, pág. 47)

Por fim, além da formação social que como bem foi discutido, diz respeito ao lugar social que o indivíduo ocupa em determinada prática discursiva e que por isso é influenciado por ela, além também da formação ideológica que “guia” os sujeitos em seus processos de construção de sentidos e norteia os seus dizeres, há ainda uma outra formação tão importante para a Análise do Discurso: a formação discursiva.

Brandão (1998, p. 38) explana mais sobre esse ponto ao dizer que: “são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.” Isto é, as formações discursivas orienta os sujeitos a compreenderem o que pode ou não ser dito em determinado lugar em virtude de uma ideologia, dominante, pré-estabelecida naquele contexto, ou seja, são as formações discursivas que permitem ou não tal discurso ser propagado em tal lugar.

Ainda sobre isso, consideremos:

[...] podemos pensar em formação discursiva enquanto a projeção, na linguagem, ou seja, a materialização linguística das formações ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito dentro de uma formação social... Nesse sentido, segundo Pêcheux, “as palavras, expressões, recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÉCHEUX, 1998, p. 263)

O referido autor ainda nos exemplifica que:

[...] sendo assim os indivíduos interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina. (PÉCHEUX, 1997, p.214).

Com base nisso, entende-se que as formações discursivas além de sustentarem a relação de dominância que acontece entre os sujeitos mediante sua identificação com determinada ideologia, também serve de fundo para a efetivação dos sentidos que as palavras passam a exercer diante de um contexto. É por essa razão que muitas vezes um sujeito, por estar em uma formação discursiva diferente da sua, torna (inconscientemente ou não) seu dizer, seu discurso e por consequente sua ideologia, implícita, negligenciado então, pela razão do “pode ou não ser dito”, o sentido real desse dizer, acionando assim o discurso implícito.

Portanto, são conceitos como esses, são discussões como essas que darão margem para a presente análise, servindo, assim, de suporte teórico para que se possa compreender a construção midiática em torno da mulher “*Panicat*”, que é o propósito inicial desse estudo, e possibilitar também uma leitura não apenas crítica em torno dessa questão, mas uma análise detida de entendimento e compreensão acerca desse assunto. No entanto, apesar dos conceitos já discutidos, a seguir conforme formos desenvolvendo nosso estudo, quando necessário traremos outros conceitos que também permeiam e por isso se fazem importante para nossa análise.

2. O SUJEITO-MULHER NAS MALHAS DA HISTÓRIA

Diante do propósito fundamental que se baseia a presente pesquisa que tem por objetivo principal discutir e entender a condição e os estereótipos formulados à mulher *Panicat*, ousa-se dizer, sem generalização alguma, à mulher popular do século XXI, faz-se necessário discutirmos e aprofundarmos um estudo acerca de como a mulher ao longo da história vem sendo percebida e qual o espaço que a essa vem sendo dado. Em nossa análise trataremos, sobretudo, de dois pontos principais os quais a mulher do programa *Pânico* na TV é vítima: a supervalorização do corpo em detrimento a outras qualidades que esse sujeito-mulher possui (ou pode possuir), como também, por consequência disso, o preconceito e o assédio por ela sofrido, colocando-a assim em um lugar de assujeitamento.

São questões como essas, são reflexões como essas que nos colocam frente a uma necessidade de compreensão em que requer muito mais que um senso comum, mas se firma tendo como pano de fundo a própria história, ou seja, muitas das respostas a essas questões, os próprios “porquês” de tais estereótipos formulados a partir da mulher do século XXI, a mulher *Panicat*, só podem ser

compreendidos, como dito anteriormente, quando nos debruçamos sobre a história, procurando entender a condição da mulher e o sujeito mulher nas malhas da história.

Em suma, a verdade é que o sujeito-mulher durante grande parte da história esteve em um lugar de inferioridade em relação ao sujeito homem, sendo reduzida por vezes como uma mera complementação aos desejos e necessidades masculinas. A começar pela citação bíblica na qual vemos esta ótica: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” (Gênesis 2:18). Não queremos adentrar em territórios religiosos, mas precisamos entender como essa doutrinação machista se fundamentou, ou ganhou força, pois pode-se fazer referência a um princípio de embasamento e fortalecimento dessa cultura machista, em que muitos usam desse contexto religioso, talvez até inconscientemente, para justificar tal lugar à mulher.

Segundo muitos, movidos por uma compreensão acerca desse texto, a mulher foi feita para satisfazer uma necessidade do homem, isto é, para fazer companhia e a ele ser fiel, sendo competente no que diz respeito ao seu lugar: de auxiliadora e companheira. Portanto, o machismo se fundamenta na ideia de que desde então a mulher se coloca em um lugar secundário, ou seja, a prioridade foi a existência humana do homem e para satisfazê-lo veio o segundo sexo, a mulher. A respeito disso, a filósofa Simone de Beauvoir vem dizer:

[...] Criada depois de Adão, é evidentemente um ser secundário, dizem uns; ao contrário, dizem outros, Adão era apenas um esboço e Deus alcançou a perfeição do ser humano quando criou Eva; seu cérebro é o menor, mas é relativamente o maior; e se Cristo se fêz homem foi possivelmente por humildade. Cada argumento sugere imediatamente seu contrário e não raro ambos são falhos... Se quisermos ver com clareza devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade, igualdade que desvirtuam todas as discussões e reiniciar do começo. (BEAUVOIR, 2016, pág. 22)

Essa discussão levou a estudiosa Simone de Beauvoir a desenvolver um estudo complexo acerca de tal questão: a ausência autônoma da identidade feminina como exclusividade, prioridade e a existência da mulher como “o outro”, o segundo sexo. Entretanto, conforme afirma Beauvoir, em seu livro *O segundo Sexo*, publicado em 1949, não se trata de compreender quem vem primeiro, quem vem

depois, quem é superior ou inferior, não consiste em uma disputa de lugares, mas de entender os motivos pelos quais a mulher em toda a história foi colocada em um lugar de modo a satisfazer os homens, em um lugar de submissão e dependência.

Dessa forma, ainda levando em consideração os tempos bíblicos, por exemplo, vemos que todo esse assujeitamento da mulher ao homem se faz presente em várias passagens da bíblia, livro esse que norteia e influencia uma grande parte da população mundial, e muitas vezes tais passagens bíblicas são interpretadas e entendidas sem qualquer discernimento, mas apenas em seu sentido literal, desconsiderando qualquer fator que possa fazer repensar o que está escrito e o que é compreendido como convencional, e por essa razão o machismo muitas vezes se fundamenta sobre as próprias escrituras. Aqui, prioritariamente, discutimos não o que está escrito, mas a apropriação dessas palavras sem levar em conta seu contexto de produção.

A princípio, já que estamos discutindo o lugar da mulher durante a história e primeiramente citamos o contexto bíblico como parte dessa história, podemos trazer à tona uma passagem, entre tantas, da própria bíblia bastante pertinente a nossa análise. Conforme dito anteriormente, existem vários exemplos de passagens da bíblia nos quais se torna evidente o assujeitamento da mulher ao homem, porém escolhemos essa passagem por um único motivo: ela se repete no contexto do programa Pânico Na TV. Sim, é certo que são novos personagens, um novo tempo, um novo modelo social, mas com uma mesma ideologia: o assujeitamento feminino. Mais à frente entenderemos como essa história, apesar de estar em um contexto diferente, serve de exemplo para comprovar a presença de uma ideologia que ainda permanece arraigada socialmente e que ecoa através de situações banalizadas toda uma dominância machista oriundas desde os próprios tempos bíblicos.

Segundo a bíblia, a rainha Vasti foi destronizada porque negou um desejo do rei Assuero, como podemos ver a seguir:

E sucedeu, nos dias de Assuero (este é aquele Assuero que reinou, desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias) [...] no terceiro ano de seu reinado, fez um convite a todos os seus príncipes e seus servos (o poder da Pérsia e Média e os maiores senhores das províncias estavam perante ele), para mostrar as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, a saber, cento e oitenta dias. E, acabados aqueles dias, fez o rei um convite a todo o povo que se achou na fortaleza de Susã, desde o maior até ao menor, por sete dias, no

pátio do jardim do palácio real. (...) Também a rainha Vasti fez um banquete para as mulheres da casa real do rei Assuero. E, ao sétimo dia, estando já o coração do rei alegre do vinho, mandou a Meumã, Bizta, Harbona, Bigtá, Abagta, Zetar e a Carcas, os sete eunucos que serviam na presença do rei Assuero, que introduzissem na presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a sua formosura, porque era formosa à vista. Porém a rainha Vasti recusou vir conforme a palavra do rei, pela mão dos eunucos; pelo que o rei muito se enfureceu, e ardeu nele a sua ira. Então, perguntou o rei aos sábios que entendiam dos tempos (...) Então, disse Memucã na presença do rei e dos príncipes: Não somente pecou contra o rei a rainha Vasti, mas também contra todos os príncipes e contra todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero.

Porque a notícia deste feito da rainha sairá a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seus maridos aos seus olhos (...) Se bem parecer ao rei, saia da sua parte um edito real, e escreva-se nas leis dos persas e dos medos, e não se revogue que Vasti não entre mais na presença do rei Assuero, e o rei dê o reino dela à sua companheira que seja melhor do que ela. E, ouvindo-se o mandado que o rei decretar em todo o seu reino (porque é grande), todas as mulheres darão honra a seus maridos, desde a maior até à menor. E pareceram bem essas palavras aos olhos do rei e dos príncipes; e fez o rei conforme a palavra de Memucã. (ESTER 1: 1- 21)

A partir de então, o exemplo da rainha Vasti ecoa como sendo um castigo pelo “Não” que essa ousou em dar ao seu esposo, o rei Assuero. E essa mesma situação ainda acontece em um mundo, por vezes, dominado pelo sexo masculino, ou seja, ainda custa caro às mulheres sair de um lugar de submissão e exercer seu direito de liberdade.

De acordo com a passagem bíblica discutida, o rei passou todos os dias de festividades e em nenhum momento lembrou da sua rainha, em nenhum momento é exposto no texto que ele a chamou para desfrutar de sua vitória, para celebrar com ela seu momento de glória e felicidade, mas teve a intenção de chamá-la apenas com o intuito de exibi-la, de coloca-la como algo a ser visto, cobiçado e admirado pelos demais. Mais uma relação com o lugar da mulher no programa “PÂNICO NA TV”, a exibição. Assim, seria a rainha Vasti uma espécie de *Panicat*?! Ou seria as *Panicats* uma herança desses tempos remotos, em cuja figura feminina servia como adorno e submissão aos interesses masculinos?

Com o passar do tempo, apesar de as coisas estarem se transformando, o lugar de submissão que a rainha Vasti ocupa ainda perdura, e o “Não” de muitas mulheres ainda tem suas consequências. Apesar de tanto, é importante dizermos também que, mesmo a passos curtos, isso vem mudando, ao menos hoje há uma

inquietação maior quanto a esse assujeitamento, e é por essa inquietação que a presente pesquisa se fundamentou, pois como o autor Gilles Lipovetsky (1997) nos mostra este ponto quando nos diz, precisamente na apresentação de seu livro *A Terceira Mulher*, que: “Como não nos interrogarmos sobre o novo lugar das mulheres e suas relações com os homens, quando os últimos cinquenta anos mudaram mais a condição feminina do que em todos os milênios que os precederam?”. Porém, ainda existem inúmeros conflitos e paradoxos que envolvem esses avanços, principalmente no que diz respeito à própria questão de empoderamento e “liberdade sexual”.

Portanto, é preciso continuar refletindo sobre esse percurso que as mulheres têm feito durante toda a história e entender os motivos pelos quais, apesar de já existir todo um movimento feminista acontecendo e se propagando, ainda sim existir uma opressão machista capaz de ferir a capacidade de muitas mulheres se exercerem de forma livre e sem estereótipos.

Sobre isso, Simone de Beauvoir (1967) em seu livro “O segundo Sexo” afirma que toda essa opressão a qual a mulher sofre, bem como a subordinação por ela assumida acontece de forma não consciente ou autônoma, ao contrário, o sujeito-mulher se reconhece através de uma consciência exterior. Conforme isso, a referida teórica ressalta:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. (BEAUVOIR, 1967, pág. 23)

Com base em tal afirmação, podemos inferir que durante muito tempo, ao longo da história, a construção do sujeito-mulher se deu por uma contradição, ao passo que essa construção se baseou, sobretudo, nos anseios e vontades masculinas, ou seja, o homem quem deteve o poder e determinou a condição dessa mulher em sociedade, bem como a imagem que ela precisou ter de si mesma. Durante muitos anos foi assim, e ainda relativamente vem sendo.

Assim, com o intuito de compreender o percurso histórico do sujeito-mulher podemos ainda citar o filósofo Gilles Lipovetsky (1997) que em seu livro “A terceira Mulher” explora de forma minuciosa a trajetória da figura feminina no decorrer dos

tempos, estudando e explicando a construção do sujeito-mulher nas malhas da história, em especial no que se refere a idade média, moderna e contemporânea. Em seu estudo, Lipovetsky divide como sendo três as fases da mulher durante a história.

A primeira fase, definida por ele como a primeira mulher, surge desde os tempos mais remotos que possam existir ou estar de alguma forma registrados em toda a história, fase essa em que às mulheres eram dados lugares obscuros e de difamações, pois o sujeito mulher era considerado um ser portador de influências maléficas, detentoras de poderes malignos e místicos, como feiticeiras, bruxas etc.

Assim, sem qualquer benefício à ascensão social, da mulher nada se esperava, a não ser o desprezo resignado que a essa era ofertado. Durante todo esse tempo, a figura feminina não detinha nenhum poder social, político ou econômico, pelo contrário, era considerada um sexo inferior, a qual não cabia à ela nenhuma atribuição de ascensão social.

Durante essa fase, como em grande parte da nossa história, apenas o homem tinha privilégios e gozava de poderes políticos e sociais, cargos valorizados e funções enaltecidas, de tal modo que todo o protagonismo estava voltado a esse e sua valorização estava além da marginalização feminina. É o que podemos ver a seguir:

Em todo o lado, as atividades valorizadas são aquelas que os homens exercem; todos os mitos e discursos evocam a natureza inferior das mulheres; ao masculino são sempre atribuídos valores positivos e ao feminino valores negativos; em todo o lado se exerce a supremacia do sexo masculino sobre o sexo feminino. As trocas matrimoniais, as tarefas valorizadas, as atividades nobres da guerra e da política estão nas mãos dos homens. (LIPOVETSKY, Gilles, 1997, p. 228)

Já no que diz respeito à beleza feminina, era algo a se questionar, pois era tida como uma armadilha ao homem, é o que Lipovetsky (1997) torna evidente quando declara que "...a mulher era considerada como a arma do Diabo, sendo sua beleza indissociável da maldade". Além disso, Lipovetskys (1997, p. 172) segue argumentando que a mulher durante toda essa fase esteve associada ao ato de desobediência praticado por Eva e que, por essa razão, sua imagem era

considerada uma herança maléfica, estando assim o “imaginário tradicional da sedução feminina confundida com os malefícios de Eva” (grifos meus).

Dessa forma, satanizada e desprezada, o sujeito-mulher vivia na obscuridade. E é nesse contexto de desprezo e banalização que a primeira mulher se exerce de forma assujeitada, sendo tratada como um ser inferior e sem muita valia por muito tempo. Sobre essa fase Lipovetsky ainda ressalta que “A mulher, um mal necessário relegado para atividades sem brilho, ser inferior sistematicamente desvalorizado ou desprezado pelos homens: isto desenha o modelo da primeira mulher”. (LIPOVETSKY, 1997, p. 230)

Podemos também compreender que esse “um mal necessário” o qual o autor menciona diz respeito ao fato de que a mulher durante essa época era considerada apenas um ser procriador, ou seja, a sua importância e função estava ligada apenas à maternidade, estando vetada, inclusive, à liberdade e libido sexual. Em outras palavras, a mulher era necessária à humanidade tendo em vista seu protagonismo na reprodução, contudo, sua função estava estreitamente direcionada ao fato de conceber em seu ventre uma vida, não podendo associar, muitas das vezes, o sexo ao prazer próprio.

Entretanto, com o passar do tempo, na segunda parte da Idade Média, especificamente no século XIX, surge uma nova fase para o sujeito mulher, uma era em que a figura feminina enquanto ser social passa por transformações e que se exerce, socialmente, através de um protagonismo que não está nela mesma, de um novo modo. Essa fase é denominada por Lipovetsky Gilles como “segunda mulher” e apresenta mais um modelo social feminino durante a história.

Evidentemente, nessa época a centralização do poder ainda permanece nas mãos dos homens, porém a imagem do feminino sofre alterações. Da mulher satanizada à mulher idolatrada, a segunda mulher é tratada como um ser puro, divino e inspirador. Sua beleza, assim como toda sua imagem, passa a ser reconhecida como algo belo e encantador, porém é exatamente nessa perspectiva que surge mais uma forma de “escravidão”, uma vez que é fundado todo um estereótipo acerca do ser feminino.

Ainda de acordo com o referido autor: “Após o poder maldito do feminino, edificou-se o modelo da segunda mulher, a mulher exaltada, idolatrada, na qual as feministas reconhecerão uma derradeira forma de domínio masculino.” (LIPOVETSKY, 1997, p. 232)

Esse domínio se vale da contemplação masculina diante dos atributos estéticos das mulheres e é sob essa necessidade de agradar o homem que mais uma vez a liberdade feminina se extingue. Dessa segunda mulher muito se espera e pouco dá, pois essa continua não tendo liberdade nem muito menos ascensão social alguma, mas sua finalidade é ser uma mulher idônea no que diz respeito as suas obrigações: esposa, mãe e dona de casa. A famosa mulher *“bela, recatada e do lar”*.

É evidente que esta idealização desmesurada da mulher não aboliu a realidade da hierarquia social dos sexos. As decisões importantes mantêm-se nas mãos dos homens, a mulher não desempenha qualquer papel na vida política, deve obediência ao marido e é-lhe negada a sua independência econômica e intelectual. (LIPOVETSKY, 1997, pág. 231)

Sobre esse aspecto, podemos induzir que o modelo da segunda mulher permanece muitas vezes enraizado em nossa sociedade e é esse modelo que ainda perdura em nossos dias. É nessa perspectiva que inconscientemente se constrói uma padronização e uma nova forma de assujeitamento à figura feminina, uma vez que são os homens que definem o modelo o qual a mulher precisa absorver e pertencer para ser aceita e valorizada socialmente. Conforme tal compreensão, Lipovetsky vem afirmar que:

A primeira mulher era satanizada e desprezada; a segunda mulher adulada, idealizada, instalada num trono. Porém, em todos os casos, a mulher estava subordinada ao homem, era pensada por ele, definida em relação a ele. Ela não era mais do que aquilo que o homem pretendia que ela fosse. (LIPOVETSKY, 1997, pág. 232).

Essa nova forma de “ser mulher feminina” consiste em uma armadilha que o homem inventou para, mais uma vez, impedir o sujeito mulher de ser livre, camuflando essa prisão através de elogios que nada mais são que imposições que limitam a mulher de ser um sujeito autônomo, pois como nos deixa evidente em seu texto ao nos dizer que em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua ‘feminilidade’. “Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha”. (BEAUVOIR, 1949, PÁG. 287).

É um tempo de silêncio e servidão. Um tempo em que ser mulher limita-se a cuidar dos filhos, do lar e se limitar a um comportamento determinado por terceiros,

independente do seu próprio agrado. É sob esse modelo de mulher esposa e mulher mãe tão venerado que a segunda mulher se alimenta, não podendo transcender as quatro paredes do lar, tampouco conseguir uma progressão profissional, mas contentar-se com sua imagem tão venerada por muitos, como menciona Lipovetsky (1997) quando se refere à mulher dessa época ao nos dizer que os encantos femininos alimentam os debates filosóficos, inspiram os pintores e os poetas. Proliferam os hinos inflamados à beleza, ao mesmo tempo que se procura com renovado vigor defini-la, normalizá-la, classificá-la.

Além disso, é sobre essa valorização da beleza que se instaurou em nossos dias uma cultura machista capaz de controlar os anseios femininos relacionados à aparência, e é nessa perspectiva que nossa análise se baseia, pois embora esteja rodeada de elogios e lisonja a segunda mulher permanece ocupando um lugar de servidão e controle e por essa razão vem se exercendo muitas vezes de forma submissa e equivocada, sem se reconhecer dona de si.

Segundo a filósofa Simone de Beauvoir (1967, v. 1, p. 56) isso se deve em razão de que “não é enquanto corpo, mas enquanto corpo submetido a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza”, por essa razão torna-se claro o quanto o sujeito mulher durante toda a história esteve mergulhado em conflitos no que diz respeito a sua autonomia e à busca por sua liberdade e o quanto isso influencia ainda hoje, pois o protagonismo de sua existência nunca esteve nela mesma.

Para a segunda mulher, o homem quem dita o que é admirável em sua imagem e em seu comportamento e é a figura hierárquica do masculino que determina o espaço o qual o segundo sexo, a mulher, pode ocupar. A segunda mulher esteve presente durante todo esse tempo e se edificou sobre os anseios masculinos, estando por vezes disponível a se exercer não da forma que lhe convém, mas do modo pelo qual se faz necessário para se reconhecer mulher digna da aceitação social.

Assim, durante a fase da segunda mulher, o ser feminino apesar de não mais ser desprezado e considerado um ser por vezes abominável como aconteceu inicialmente, ainda assim não ocupa um lugar de prestígio, pois mesmo estando em um lugar de admiração e enaltecimento relacionado, sobretudo, a sua imagem, mesmo assim a segunda mulher ainda tem números direitos preteridos. Sobre esse enaltecimento e construção do modelo da segunda mulher, Lipovetsky destaca que:

Em muitos aspectos, pode afirmar-se que ele contribuiu para reforçar o estereótipo da mulher frágil e passiva, da mulher inferior de espírito, votada à dependência em relação aos homens. Tanto mais que os hinos da beleza não exaltavam senão uma mulher fictícia (...)(LIPOVETSKY, 1997, pág. 120)

Sobre essa mulher é correto afirmar que a mesma não consegue se emancipar, pois sua conduta ainda permanece sendo determinada por a sociedade que a coloca como uma mulher dependente, sem autonomia e sem força para se exercer longe da figura masculina, por esse motivo também se edifica à essa mulher a exigência de “mulher do lar”, um ser sem liberdade, inclusive, sexual.

Desse modo, para a mulher ideal, isto é, a segunda mulher, o sexo permanece sendo um tabu e sua imagem não deve estar veiculada a nada relacionado a ele, pelo contrário, a mulher, por ser considerada um ser divino, estando sua construção baseada nos princípios bíblicos e voltados à maternidade e ao sacramento, essa deve ser puritana e ter qualquer desejo sexual autônomo omitido e “castrado”, ou seja, não necessariamente viver o prazer, mas apenas ser uma forma de prazer para o homem.

Sobre esse ponto, Lipovetsky (1997) evidencia que a beleza da mulher afirma-se numa positividade ideal, despojada de toda a conotação impura ou vulgar. Nessa época, há um ideal a ser seguido, um modelo a ser incorporado em todas as mulheres que querem ser consideradas “boas mulheres”.

Nesse modelo, o ambiente profissional também não existe, pois o ideal do feminino é aquele que determina a mulher para fins apenas domésticos, não cabendo a ela exercer uma função longe do lar, do que é socialmente aceito, pois a transgressão disso pode acarretar consequências para essa, inclusive questões envolvendo a opressão sexual.

Enquanto a identidade feminina se construía através das funções assumidas no seio da família, a representação das agressões sexuais no local de trabalho não podia ultrapassar o estágio de rumores mais ou menos anedóticos, visto que o verdadeiro lugar da mulher era em casa e não na empresa: a desvalorização tradicional do trabalho feminino contribuiu para que se considerassem negligenciáveis os comportamentos que feriam as mulheres no seu contexto profissional. (LIPOVETSKY, 1997, pág. 79)

Portanto, por inúmeras formas de opressão, pela falta de autonomia e emancipação, pelo padrão imposto socialmente, pela dependência financeira, pela

falta de oportunidade de poder ser quem é e viver de acordo com seus próprios anseios, a mulher foi ficando cada vez mais insatisfeita e reagindo a passos curtos a todos esses padrões que a ela foram colocados e duramente cobrados, buscando assim sua autonomia ao longo da história.

Em vista disso, ao longo dos anos, foi aparecendo uma onda de insatisfação e revolução entre algumas mulheres, insatisfação essa responsável por algumas mudanças: padrões começaram a ser pensados e questionados, bem como o papel do sujeito-mulher na sociedade passou a ser repensado. A figura da mulher, o ser feminino foi visto de forma diferente. Estamos falando, conforme assegura Gilles, da terceira mulher que surgiu há pouco mais de cinco décadas.

Mas, então, o que seria a terceira mulher? Para Lipovetsky (1997), a terceira mulher diferentemente das demais, que foram definidas de acordo com o homem e em relação a esse, consegue se definir de acordo com ela mesma, centrando sua forma de se exercer no mundo em concordância com seus próprios anseios, buscando territórios ainda não conquistados e direitos que por anos lhe foram tolhidos.

Surge assim uma mulher que almeja sua independência econômica, sua participação na vida política, não apenas com o direito a voto, mas, sobretudo, podendo, caso queira, participar diretamente e ocupar cargos políticos. Uma mulher que atua de forma ativa e não se satisfaz em permanecer nas quatro paredes do lar, mas que pode exercer e ocupar os mesmos cargos e lugares que os próprios homens. Essa fase, definida como a terceira mulher, corresponde aos nossos dias atuais em que é possível refletir sobre o papel que a figura feminina pode e deve assumir na sociedade e principalmente romper os padrões que se apropriaram da sua existência ao longo de toda a história.

Seguindo essa ótica, para a teórica Naomi Wolf, essa revolução feminina seguiu um movimento denominado *movimento feminista* que se instaurou socialmente proporcionando uma verdadeira quebra de modelos sociais. Sobre isso, Naomi vem afirmar em sua obra *O mito da beleza*:

Afinal, após um longo silêncio, as mulheres ganharam as ruas. Nas duas décadas de atividade radical que se seguiram ao renascimento do feminismo no início dos anos 70, as mulheres ocidentais conquistaram direitos legais e de controle de reprodução, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das

profissões liberais e derrubaram crenças antigas e respeitadas quanto ao seu papel social. (WOLF, 1992, p. 11)

Lipovetsky (1997) exemplifica a quebra desses padrões quando apresenta em seu livro *A terceira Mulher* o surgimento de algumas manifestações que comprovam o avanço da mulher à liberdade, bem como fortalecem um modelo social de mulher diferente de todos os outros já citados. Segundo a estudiosa em questão:

A desvitalização do ideal da dona-de-casa, legitimidade dos estudos e do trabalho femininos, direito de sufrágio, “desencantamento”, liberdade sexual, controle da procriação, tudo isso são manifestações do acesso das mulheres à total disposição de si mesmas em todas as esferas da existência, tudo são dispositivos que constroem o modelo da “terceira mulher”. (LIPOVETSKY, 1997, pág. 232)

O sociólogo Alain Touraine (2010, pág. 31) também afirma em seu livro “*O Mundo das Mulheres*” que: “as mulheres são capazes de agir a fim de responder às suas exigências interiores e pessoais, e não somente para responder às sujeições exteriores”. Isto é, as mulheres, assim como os homens, podem e devem se exercer de modo a atender suas próprias expectativas e não apenas para responder às exigências exteriores e, portanto, sua autonomia é legítima.

É por conta da “terceira mulher” que houve possibilidades de discussões acerca da equidade de gênero, onde espaços para reflexões acerca de igualdade e liberdade foram abertos. E isso tudo vem ganhando força cada vez mais. Isto é, os padrões que foram impostos historicamente de forma tão cruel e injusta têm sido desconstruídos através dessas discussões, dessa inquietação que a terceira mulher ocasionou, desse espaço de reflexão acerca do feminino que essa nova fase vem possibilitando.

Assim, tudo que viola a liberdade e o bem estar da mulher, mesmo sendo coisas que por muitos anos foram consideradas normais e aceitáveis socialmente, através desse novo tempo, tudo isso vem sendo colocado em questionamento e vem motivando transformações nesse processo que é a busca por liberdade feminina. Entretanto, não estamos falando de uma luta de poderes ou uma busca por lugares hierarquicamente melhores em relação ao outro, não se trata de uma rivalidade, mas é um processo por busca de condições e possibilidades dignas de existência das mulheres no mundo.

Para reforçar esse pensamento, é importante trazer à luz o que Simone de Beauvoir afirma:

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOUR, 1967, p. 361)

Portanto, é sob essa perspectiva e busca por igualdade e liberdade feminina, que não se resume a um rótulo ou uma briga especificamente entre gênero, mas vai além disso, uma vez que se baseia na apropriação da mulher de ser um indivíduo autônomo, livre e digno de respeito e espaço social, que as reflexões a seguir se respaldam. Além do mais, é através desse novo tempo onde o machismo para de ser visto como algo aceitável e legítimo que nossa discussão ganha força, pois com base nessa mulher livre e empoderada, a terceira mulher, que a análise a seguir ganha sentido.

3. O SUJEITO-PANICAT

Movido por uma aceitação por parte de muitos, principalmente do sexo masculino, o sujeito-panicat vem se fortalecendo cada vez mais em nosso contexto social, tratando-se, portanto, de um “padrão” de mulher que se instaurou na contemporaneidade e tem “aguçado a cobiça” por parte de homens, que desejam usufruir dos atributos físicos que a mulher “panicat” possui, como também tem despertado o desejo das mulheres, que anseiam atingir o padrão físico que corresponde a esse sujeito-panicat, por ser ele o perfil de corpo que passou a ser cobrado e aceito socialmente como referencial de beleza .

Assim, a mulher panicat baseia-se, sobretudo, na busca excessiva pelo corpo perfeito, relacionando essa perfeição a um corpo extremamente torneado, volumoso e cheio de peculiaridades, por isso refere-se, sim, a um padrão. Por esse motivo, o que era para ser um simples “personagem” televisivo, um ofício, passou a ser uma referência a ser seguida por parte das mulheres contemporâneas e que nos dá margem para refletirmos acerca do quanto esse “padrão” de mulher nos tem a dizer.

3.1. Origem do nome

O sujeito-panicat surgiu em um contexto televisivo exclusivo e a partir daí ganhou uma proporção social exacerbada, atingindo assim o maior número de pessoas possível e influenciando-as no que diz respeito a valorização de um modelo de corpo considerado o ideal. O programa “Pânico na TV” foi o grande responsável pelo surgimento da mulher *panicat* e foi através dele que esse personagem conquistou de forma repentina tanta popularidade.

Assim, marcado por um humor extremamente inconsequente e muitas vezes desrespeitoso, motivo pelo qual o Programa teve alguns problemas judiciais, o Programa Pânico na TV se caracteriza como um programa de televisão brasileiro com teor humorístico e com fins de entretenimento. Entretanto, com o passar do tempo cada vez mais o programa conquistou audiência e agradou ao público que, por sua vez, se caracterizava como sendo um público masculino e em sua grande maioria adolescente.

O programa, que era transmitido semanalmente, é uma versão televisiva de um programa de rádio e passou por algumas alterações durante sua permanência na TV, sendo 28 de setembro de 2003 a data de sua estreia, na REDETV, e 04 de março de 2012 seu último programa nessa mesma emissora. Após isso, em razão de sua grande audiência e sua fama gradativa, a rede Bandeirantes, a BAND, resolveu contratar todos os integrantes do programa e a partir de então o programa passou a ser chamado “PÂNICO NA BAND”, no entanto, o formato continuou sendo o mesmo.

O elenco do programa era composto por um apresentador principal, o Emílio Surita, alguns repórteres e humoristas, como Evandro Santo, conhecido popularmente como Christian Pior; Rodrigo Scarpa, um dos mais famosos do programa, que ficou conhecido como Vesgo; Marcos Chiesa, o bola; Wellington Muniz, o famoso Ceará; Márvio Lúcio, tendo seu nome fictício Carioca, entre outros. Todos esses integrantes, do sexo masculino, lideravam o posto de apresentadores durante a exibição do programa que interagem durante a exibição do mesmo. Além deles, existia uma outra apresentadora, a única mulher a ocupar “a banca” durante o programa, a ex Big Brother Brasil (BBB) Sabrina Sato.

Ademais, o programa contava com um elenco de meninas que, *a priori*, serviam como assistentes de palco e que auxiliavam em algumas matérias, meninas essas que se tornavam muito oportunas tendo em vista o formato do programa e o público alvo e que mais tarde ganharia uma finalidade muito maior que a inicial.

Fazendo referência a um programa televisivo dos anos 80, o programa do Chacrinha, que foi um dos pioneiros não em lançar mulheres como assistentes de palco no Brasil, mas em lançar mulheres como assistentes de palco rebolando e com teor erótico na televisão brasileira, as famosas “*chacretes*”, o Programa Pânico na TV denomina seu time de assistentes de palco como “*Panicats*”, cuja função estaria associada, sobretudo, a mexer com o imaginário masculino, assim como as *Chacretes* naquela época.

Certa vez o apresentador Abelardo Barbosa, o famoso Chacrinha, disse que “Na tv nada se cria, tudo se copia”, e é sob essa afirmação que percebemos mais uma vez a evidência de que as “*panicats*” se caracterizam como sendo as “*chacretes*” de atualmente, a começar até por essa semelhança entre os nomes “*panicats*”/“*chacretes*”, como também pelo que essas representam de forma geral.

Na verdade, a questão não se limita a uma referência ou a uma simples reprodução de particularidades de um programa televisivo específico, não se trata de imitar algo que aconteceu no passado. A evidência entre a função dessas garotas em um contexto televisivo é real, assim como a semelhança entre a representatividade dessas meninas no meio social também é, contudo, não estamos lidando com uma mera comparação. Está além disso.

Das *chacretes* às *panicats* há um abismo preenchido com o passar dos anos, porém, apesar de inúmeras questões políticas e sociais estarem em trânsito e durante esse tempo acontecerem mudanças significativas no cenário social, há práticas nocivas à humanidade que se fortaleceram, que se apropriaram do passado e se agravaram, embora com uma nova face. O machismo, por exemplo, é uma dessas práticas que, mesmo assumindo uma nova forma de se exercer, ainda continua ferindo a identidade e liberdade da mulher. Posto isso, vejamos a seguir como esse machismo se exerce através da *mulher-panicat*.

3.2. Discursivização midiática acerca das “panicats”: análise de reportagens relacionadas a esse sujeito

Dando início à nossa análise é necessário, antes de tudo, considerarmos o quanto o perfil panicat é algo que envolve muitas coisas, entre elas: a imposição do padrão de beleza feminino; a busca pela aceitação; o machismo reproduzido de forma velada e em tom de brincadeira, chacota; a figura da mulher como um objeto sexual. Mas, em suma, podemos dizer que uma análise voltada a mulher panicat pensa e repensa todo um estereótipo direcionado à figura feminina em nossa sociedade contemporânea, denunciando uma ideologia machista que permeia nosso meio muitas vezes de forma sarcástica e camuflada, e o quanto esse comportamento machista nos tem a dizer.

Orlandi (2009) ao lidar com a análise do discurso afirma que essa ciência se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagens, som, letra, etc. Assim sendo, inicialmente, para darmos início a toda nossa análise e compreensão acerca da problemática em questão, analisaremos uma imagem para que possamos entender de forma patente o sujeito *panicat* e sua corporatura.

A imagem a seguir consiste no time de mulheres que faziam parte do programa PÂNICO NA TV, ou seja, as próprias panicats. Vejamos e analisemos o padrão que se torna claramente perceptivo através dessa imagem.



(Essa imagem foi postada em outubro de 2012 no blog do Eduardo Bm, (Disponível em: <http://eduardobm1979.blogspot.com/2012/10/medidas-das-panicats-sao-referencia.html>), com o seguinte título: Medidas das panicats são referência para quem quer um corpo sarado.)

Na imagem, podemos ver o primeiro grupo de panicats a compor o programa “Pânico na TV”, que mais tarde passaria a ser chamado “Pânico na Band”. O grupo era formado por: Nicole Bahls, Juju Salimeni, Babi Rossi, Lizi Benites, mais conhecida por Piu Piu por usar biquínis amarelos fazendo referência a um personagem de desenho animado, e por último, temos a Dani Bolina. Foi esse o primeiro grupo de panicats que mais ganhou repercussão e fama na mídia.

Através da imagem e levando em consideração o próprio título da matéria *“Medidas das panicats são referência para quem quer um corpo sarado”* podemos entender que existe um padrão entre essas mulheres e que, inclusive, isso se torna uma referência para tantas outras, assim como sugere o título da reportagem. Com relação ao fato de considerarmos a existência de tal paradigma, é perceptível que todas essas meninas possuem traços semelhantes, não apenas no corpo, mas em outras coisas, por exemplo, todas possuem uma mesma tonalidade de cor, o corpo bronzeado.

Além disso, não precisamos refletir muito para que percebamos uma certa identificação entre elas no que diz respeito a cor dos cabelos, a forma de fotografar, o fato de estarem sempre de biquíni, o que incentiva a erotização do corpo feminino, entre outros aspectos. Tudo isso serve para comprovar-nos que, sim, estamos lidando com um padrão, assim como imaginamos previamente.

Agora, vejamos uma outra imagem a seguir :



(Disponível em: <http://nottasdafama.blogspot.com/2013/01/sera-nicole-bahls-e-dani-bolina-sao.html>).

Com base nos estudos em Orlandi (2009), compreendemos que é preciso analisar os vestígios. É preciso também dar lugar também à exterioridade do texto, e deixar que essa possa revelar os sentidos que o discurso exprimem. Pois, segundo o próprio, os sentidos não se dão apenas por palavras, mas no uso de imagens, símbolos, objetos e peças carregadas de sentidos.

De acordo com tal compreensão, percebemos a imagem acima como uma grande fonte de sentidos para que possamos compreender inicialmente tal discurso expressado por esse programa de televisão. A foto foi executada durante a realização do programa e revela pontos importantes para nossa análise, a começar pelo próprio lugar físico que as *panicats* assumem durante a realização do mesmo. Pode parecer que não, mas até a forma como o programa está estruturado nos diz muito.

Na foto, vemos que as meninas se apresentam seminuas, com biquínis pequenos e destacados, todas de salto e postas de COSTAS para a plateia. Aliás, algo muito interessante que podemos observar nessa imagem é que, como dito anteriormente, o maior público do programa, a começar pela própria plateia, é o público do sexo masculino. Sendo assim, de acordo com essa imagem, a maioria dos expectadores são homens, o que pode justificar a posição estratégica das *panicats* de costas para a plateia, uma vez que enfatiza a apreciação do bumbum dessas meninas por os homens que ali estão, já que esse é uma das principais partes do corpo considerada símbolo de apelação sexual.

Atentando a esses pontos previamente analisados através dos dados que as duas imagens nos fornecem percebemos que esses nos servirão de base para que possamos entender e analisar algumas reportagens a seguir.

A primeira reportagem, publicada em 16 de fevereiro de 2014, no site Notícias da TV (disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/virar-panicat-e-mais-dificil-do-que-passar-no-vestibular-de-medicina-2351>) traz como título a seguinte frase: VIRAR PANICAT É MAIS DIFÍCIL DO QUE PASSAR NO VESTIBULAR DE MEDICINA. Segundo essa reportagem, chegar ao posto de panicat não é fácil, pois trata-se de um processo seletivo rigoroso em que centenas de meninas se inscrevem em busca desse título.

Ainda de acordo com o site, se tornar panicat é mais difícil do que passar em um vestibular de medicina na USP (Universidade de São Paulo), sendo esse um dos vestibulares mais concorridos do país, mas não mais concorrido que a busca pela

vaga de “a mais nova panicat”. Através da matéria, podemos perceber que para se tornar uma panicat não adianta apenas ser “gostosa”, não se resume a rebolar a bunda, mas precisa atender a outras exigências que o diretor do programa, Allan Happ, cita: *“Tem de ser simpática, carismática e extrovertida”*.

Além disso, Allan ainda prossegue dizendo que entre 300 candidatas analisadas até o momento apenas uma menina teria a chance de chegar ao posto, para ele trata-se de *“uma menina linda do interior”*, porém ele completa dizendo que essa ainda *“tem que encorpar as pernas”*.

Através da fala do diretor, algo de muito pertinente pode ser analisado, o fato de a escolha das meninas estar voltada à análise de um homem, ou seja, essas meninas que se submetem aos testes estão a mercê de uma aprovação masculina, e se veem obrigadas a estarem em um padrão, como nos deixa claro através da frase *“tem que encorpar as pernas”*, exigido pelo diretor do programa, um homem.

Levando em consideração o conceito da análise do discurso sobre memória discursiva, podemos induzir que isso acontece devido ao fato de que durante a história os homens foram os responsáveis pela determinação dos modelos pelos quais as mulheres precisariam incorporar para serem aceitas, isto é, como vimos no capítulo anterior, ao longo do tempo coube ao homem definir o papel da mulher.

Assim, quando o diretor ocupa tal lugar no processo de escolha dessas meninas e enfatiza seu descontentamento com relação a essas, exigindo uma mudança, pode estar acontecendo o que chamamos de memória discursiva, que como explana Orlandi (2009) consiste em trazer à tona um discurso (prática discursiva) já dito anteriormente, ou seja, ele apenas reafirma tudo aquilo que já foi dito e posto durante toda a história e por isso seu dizer ganha sentido. De tal forma, não trata-se, contudo, de uma mera exigência de seleção, mas pode estar para além disso, uma vez que reproduz um comportamento tão ofensivo ao sujeito-mulher durante a história: a determinação da sua imagem através das exigências masculinas.

Além do mais, para algumas feministas esse processo de escolha, bem como a forma como o programa lida com a figura feminina enfatizando sempre a questão física, exigindo severamente da mulher um padrão de corpo pré-determinado, como podemos ver através das duas imagens apresentadas, é uma forma de opressão e embate à liberdade feminina, assim como para o feminismo, sendo esse o

movimento pelo qual busca dar direito de liberdade e autonomia à mulher, buscando promover sempre a equidade de gênero.

Sobre isso, Wolf em seu livro *O Mito da Beleza* afirma que: “Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza.” (WOLF, 1992, pág. 12). De tal modo, segundo a autora, essa cobrança relacionada a imagem destinada à mulher contemporânea trata-se de uma representação da insatisfação pelos direitos que a figura feminina vem conquistando.

Para WOLF (1992, pág. 11): “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas.” Através dessas palavras começamos a enxergar a situação que acontece no programa “Pânico na Tv” não apenas de forma simplista, empírica, mas sob uma nova perspectiva, tratando essa exigência, esse padrão imposto como algo cultural e histórico.

Sobre isso a referida teórica ainda explana:

As mulheres conquistaram posição social, legitimidade profissional, voz e vez nas questões políticas, conquistou o direito de viver além do ambiente doméstico, de se locomover nos centros urbanos passando por seus ambientes de trabalho e escolaridade, no entanto, em contrapartida, não conquistou sua liberdade, embora nesses últimos 20, 30 anos tenha alcançados avanços significativos, mesmo assim, essa mulher contemporânea ainda se sente presa, restringida e submetida a uma questão contrária a seu bem estar e liberdade: sua aparência. a beleza nunca conquistada, a busca permanente por “melhorar”. (WOLF, 1992, pág 129).

Como vimos, uma situação aparentemente inofensiva, na verdade, está tomada de um sentido histórico e ideológico que transcende nosso entendimento empírico e só através de uma análise embasada por uma ciência como a AD podemos entender que por trás dessa naturalidade toda há um discurso perpassado por uma ideologia tão marcante em nossa história.

No entanto, voltando à matéria, essa ainda traz a fala de uma menina, Carol Dias, que conseguiu a vaga e se tornou a mais nova Panicat. Para ela “*As pessoas acham que ser panicat é ser gostosa. Não é isso. O mais importante é ter carisma, é ser aceita...*” e continua afirmando que “*panicat não pode ser fresca, tem de topar tudo, ser flexível...*”.

De acordo com a Análise do Discurso, em tal situação torna-se evidente a presença de uma formação social que determina a fala submissa que essa menina assume ao afirmar que precisa ser aceita. Quando pensamos o conceito de formação social defendido por Grigoletto (2007) que afirma existir uma relação de poder que permeia e direciona os dizeres dos indivíduos entendemos que, por estar em uma situação de análise e aprovação diante do diretor do programa bem como do público masculino, Carol Dias se posiciona como um indivíduo detido de poder, isto é, um sujeito ocupando um lugar social de poder e por isso se vê na condição de aprovação. Ou seja, precisa ser aceita.

Aliás, esse *ser aceita*, na verdade, ainda revela um interdiscurso ocasionado pela memória discursiva, isto é, Orlandi (2009) esclarece que através da memória discursiva o sujeito expressa um discurso pré-determinado, e é através do já dito que o dizível ganha força e sentido. Por que a garota escolheu justamente a expressão “*ser aceita*”, e não, por exemplo, “*ser querida*” ou etc.?

Não querendo ser redundante, mas se durante toda a história o sujeito-mulher precisou se portar de forma a atender as expectativas sociais e principalmente masculinas, esse “*ser aceita*” ganha sentido e materializa através das palavras da referida entrevistada um discurso já construído socialmente: o discurso da mulher subordinada. Então, mesmo que inconscientemente, Carol faz uso da palavra “*aceita*” e revela em seu discurso um interdiscurso (já existente e determinado), e só podemos compreender o uso dessa palavra, nas palavras de Carol, quando nos apropriamos da história e dos conceitos da análise do discurso.

Ao se apropriar de Pêcheux, Orlandi (1942) explica essa apropriação de palavras já carregadas de sentido quando diz que o léxico é condicionado pela formação discursiva, ou seja, inconscientemente, ou não, usamos palavras e as escolhemos carregadas de sentido, propagando assim nossas ideologias e intenções.

Para consolidar essa compreensão, podemos responder as seguintes perguntas de modo a tonar ainda mais claro nosso entendimento: Ser aceita? Por quem? Como estamos falando de pessoas que trabalham com televisão, é coerente responder a essa pergunta afirmando que esse “*ser aceita*” está relacionada ao público. Mas quem seria esse público? Nesse caso, o público do programa seria o público masculino. Ou seja, ela fala de um lugar predominantemente masculino e devido isso considera que as *panicats* precisam ser aceitas por ele, assim para ser

panicat é necessário ganhar aprovação dos homens, agradar, ser aceita pelo público que, em sua grande maioria, é masculino.

Na verdade, quando nos apropriamos dos conceitos concebidos pela Análise do discurso que afirma ser o sujeito social um ser construído pela ideologia como também através da história, torna-se compreensível a fala expressa por Carol Dias, pois uma vez que a mulher durante toda a história precisou se adequar a modelos convencionais, a ocupar lugares determinados pelos homens, precisando sempre se adequar a aceitação social, esse “*ser aceita*” assume um sentido muito mais amplo, transpassando o contexto televisivo e materializando uma ideologia fortemente impregnada na história: o machismo. Uma ideologia que torna o sujeito-mulher um ser inferior e subordinado.

Portanto, se levarmos em conta o público predominante do programa que é composto por homens e, além disso, o fato de que a seleção é realizada através de um critério formado por um homem e juntarmos isso à afirmação da garota entrevistada, a que conquistou a vaga ao dizer que “*é preciso ser aceita*”, vemos o quanto o programa tem um cunho machista, a começar, inclusive, pelo teste.

Uma outra parte da fala de Carol que nos chama atenção é a seguinte “*É preciso ser flexível*”. Mas o que seria esse ser *flexível*? Essa pergunta só pode ser respondida através da resposta a uma outra pergunta: afinal, qual seria a função das panicats?

A resposta seria prática, simples e nos serviria de norte a analisarmos a construção machista que cerca a mulher panicat, pois de acordo com o programa, bem como as próprias exigências do posto, rebolar a bunda, auxiliar reportagens, participar de trolagens e quadros de humilhação, isso tudo faria parte da função da mulher panicat. Logo, já poderíamos com base nisso induzir em que consistiria tal flexibilidade, no entanto, partiremos para uma outra reportagem que exemplifica isso de forma mais clara e contundente.

O fato aconteceu no ano de 2012 no próprio programa “PÂNICO NA TV”, mas a reportagem é de 19 de janeiro de 2016 (Disponível em: <https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/eu-fiquei-depressiva-diz-babi-rossi-ao-relembrar-ter-o-cabelo-raspado-ao-vivo-em-programa-10072017>) e traz o relato de Babi Rossi que na época era panicat e foi obrigada a raspar a cabeça durante a exibição ao vivo do programa.

O episódio aconteceu no dia 22 de abril de 2012, nessa época o programa já havia mudado de emissora e se chamava “Pânico na Bnad”, no entanto, o formato era praticamente o mesmo. Na noite do dia 22, durante a exibição ao vivo do programa, o apresentador Emílio Surita anunciou que a assistente de palco Babi Rossi iria ter que ser isolada em uma sala durante o programa e que no final essa receberia uma homenagem.

Na verdade, nada disso iria acontecer, a situação que envolvia a panicat fazia parte de um quadro do programa, mais uma “trolagem” como eles consideravam, que consistiria na votação on line por parte dos telespectadores, que em sua grande maioria eram homens, para escolher qual dos modelos de cabelos eles queriam para Babi Rossi. Na ocasião foram levantadas duas hipóteses, ambas faziam referência a dois homens da mídia, a primeira era um corte moicano para homenagear o jogador de futebol Neymar e a segunda era fazendo referência ao jornalista Marcelo Tas, que tinha seu cabelo totalmente raspado.

O público votou durante toda a exibição do programa daquele domingo (22/04/12) e escolheu a opção em que a panicat deveria raspar a cabeça e ficar totalmente careca, assim como o jornalista Marcelo Tas. Posteriormente, ao final do programa o apresentador chamou a assistente, que estava confinada em uma sala, para o palco e informou a situação. Sem mais e menos, embora bastante nervosa e insegura, a panicat teve que raspar a cabeça ao vivo, ao som dos risos e das piadas da plateia assim como dos companheiros de programa. E assim o programa daquele domingo foi finalizado, sem mais.

Na referida entrevista que foi dada ao r7, após alguns anos do acontecido, Babi contou como foi sua experiência e deixou claro o quanto tal situação foi ofensiva: *“Me arrependi. Porque eu vestia a camisa, sabe? Eu fiquei mal na época, mexe com o ego da mulher. Eu fiquei depressiva.”*

Ao nos apropriar das palavras da ex panicat assim como também levando em consideração os diversos fatores que estão intrínsecos ao contexto “pânico”, podemos analisar esse acontecimento de forma a compreendermos o que está por trás de toda essa situação, o que essa “brincadeira” tem e pode nos dizer.

Conforme os conceitos da AD constatamos que todo texto traz em sua materialidade um conhecimento a partir do mesmo e não apenas no mesmo, isto é, nossa percepção, nossa compreensão e análise não pode estacionar apenas no que está explicitamente exposto, mas precisamos identificar o que esse texto, no caso, o

que essa situação pode e tem a nos dizer mesmo que para isso tenhamos que fazer referências a situações passadas.

De acordo com os conceitos defendidos pela AD, como já bem explorados, todo discurso estabelece uma relação entre o sujeito com a história evidenciando um discurso que já existe, isto é, todo discurso, toda situação na verdade está atrelada a algo já posto, algo já existente socialmente. No caso do programa Pânico na TV, que passou a ser chamado posteriormente de Pânico na Band, a forma como as *panicats* são tratadas, estando submetidas a participarem de coisas que ferem seu bem estar como também a sua autonomia tem a ver como uma prática discursiva já existente, prática essa embasada por uma ideologia histórica que coloca a mulher sob domínio do homem, o machismo.

Conforme verificamos através dos estudos fundamentados em Análise do Discurso, constatamos que em todo e qualquer discurso existe sempre uma intenção maior, ou seja, as práticas discursivas assumidas por sujeitos (também discursivos) estão carregadas de ideologias e intenções além do que está “explícito”. Sendo assim, qual seria, de fato, a finalidade em realizar tal “brincadeira” com Babi Rossi? O porquê de quererem raspar a cabeça da *panicat*, já que o programa exigia que as meninas estivessem sempre bonitas, dentro de um padrão de beleza tão cobrado? Qual o intuito de interferirem justamente em uma parte do corpo da referida assistente? Como já falado, a Análise do Discurso nos possibilita a entender discursos e situações com mais profundidade, através de uma análise que não se detém apenas ao que está explícito ou naturalizado momentaneamente.

Quando nos debruçamos nos estudos de Beauvoir (1980, v. 1, p. 54) que afirma que o corpo “é uma situação, é nossa tomada de posse do mundo e um esboço de nossos projetos”, já direcionamos nossa compreensão a um nível de discussão mais abrangente, intercalando o acontecimento do programa com os estudos de toda nossa pesquisa.

Certamente, nem mesmo a tal garota compreendeu a dimensão do quanto essa “brincadeira”, embora arrodeada de risos e chacotas, violentou a figura da mulher, pois como nos diz Moi (2001, pág. 68): “O corpo, portanto, corresponde à consolidação histórica de nosso modo de viver no mundo e do mundo viver conosco.” Assim, o fato de a assistente de palco ter de passar por uma situação como essa, alegando a própria ter ficado depressiva, apenas reproduz uma situação

tão vivenciada pelo sujeito-mulher ao longo dos anos e reforça ainda mais essa dominação em que a mulher é vítima, a começar pelo seu próprio corpo.

Violar a figura da mulher começando por seu próprio corpo é uma das formas de machismo mais severas, pois se de acordo com Moi (2001) o corpo tem a função de fazer relação com a forma como estamos inseridos no mundo e como esse mundo está inserido em nós, o fato de eu ter meu corpo invadido por o outro isso implica dizer que eu pertença ao outro, ou seja, a situação analisada caracteriza a dominação masculina à mulher.

Uma mulher (panicat) que como diz na primeira reportagem é uma referência a começar pelo próprio corpo, se vê em uma situação em que esse corpo, o cabelo no caso, está disponível à escolha alheia, à vontade do público masculino isso vem apenas reafirmar a ideia de que ela não é dona de si. Portanto, é uma situação que ilustra a ideologia do macho dominante e a mulher submissa, mas, sem dúvida alguma, o mais agravante é que, se essa mulher é uma referência, esse discurso reproduzido ou essa prática discursiva reafirmada nesse espaço ganha uma proporção ainda maior, pois propaga ao público essa ideologia que durante toda a história inferiorizou o sujeito-mulher de uma forma tão natural e legítima.

Diante dessa prática, um programa televisivo que impõe um padrão de beleza à mulher e ao mesmo tempo tenta depreciá-la violando sua autoestima e seu ego através da própria aparência, torna-se no mínimo contraditório. De fato, é, no entanto, diante de todos os dados levantados, as características analisadas desse programa e a compreensão acerca do mesmo como um meio extremamente machista que tenta de forma cômica violar a figura da mulher, tal ato é justificado.

Talvez inconscientemente ou até de forma proposital o programa reproduz uma forma de lidar com a mulher de maneira banal, em que essa não passa de uma adorno, um corpo bonito a ser exposto e além disso, um ser que pode e estar a disposição do querer do outro, nem que para isso tenha de abrir mão de sua própria imagem e ser por vezes ridicularizada, como aconteceu com a panicat durante o programa de 22 de março de 2012 . Trata-se de uma ideologia historicamente dominante, definindo a mulher, como vimos diante dos estudos abordados, para o outro.

Continuando com a entrevista, a ex panicat revelou o motivo pelo qual aceitou o pedido e decidiu fazer parte da brincadeira: *“Eu achei que aquilo ia ser bom, para eu ter uma oportunidade melhor, por verem que eu sou raçuda, mas, eu não ganhei*

nada, nem um centavo. Ganhei um muito obrigado, você raspou a cabeça, você foi muito corajosa.”

Vejam, o programa alegava que elas não eram obrigadas a realizarem tais coisas, no entanto, as meninas sabiam que o fato de recusar qualquer uma daquelas “brincadeiras”, poderiam leva-las a sair do programa e sabiam mais que existiam centenas e centenas de meninas que estavam à procura daquele posto, assim como ficou claro na reportagem anterior. Por isso, de uma forma ou de outra, se sentiam obrigadas, pressionadas, embora de forma implícita, a aceitar tudo aquilo.

Dessa forma, qualquer uma das panicas sabiam que um “não” poderia levá-las a sair do programa e por isso muitas vezes aceitavam os tantos e tantos absurdos que lhes eram solicitados a realizar/vivenciar apenas por medo de terem seu direito e seu espaço na mídia preterido por uma desobediência. À vista de tal realidade, podemos fazer referência ao que aconteceu com a própria Rainha Vasti, pois o não que essa deu ao pedido do rei levou-a a desaposar obrigatoriamente o trono e isso serviu, assim como a própria bíblia defende, como um exemplo para tantas outras mulheres e esposas, ou seja, durante toda a história a maioria das mulheres que se aventuraram e/ou se atreveram a dar um “não” a um desejo masculino sofreram consequências desagradáveis e muitas vezes sofreram perdas irreparáveis.

Outra questão que vale salientar é que na maioria dos casos essas mulheres aceitavam fazer aquilo para evidenciar que estavam “vestindo a camisa do programa”, pois queriam demonstrar serem esforçadas para “honrar” a oportunidade que receberam e preservar o espaço que a mídia abriu para as mesmas, talvez porque sabem da dificuldade que a mulher ainda enfrenta em busca de um espaço digno no mercado de trabalho, bem como na mídia.

Considerando o comportamento submisso dessas meninas, dando ênfase ao acontecimento vivenciado pela ex panicat Babi Rossi, podemos observar que nessa situação há também o que Orlandi vem chamar de formação discursiva, pois como o mesmo apresenta para tal conceito o processo pelo qual em uma dada situação o sujeito toma consciência, involuntária ou não, do que pode ou não ser dito de acordo com a ideologia dominante naquele meio, entendemos a postura da garota ao, mesmo insegura e receosa, aceitar a brincadeira.

Como se trata de um contexto onde a ideologia machista impera e também devido a trajetória em que o sujeito-mulher teve durante toda a história de ser um ser

passivo e submisso às vontades masculinas em que o homem quem determina e domina os espaços ocupados por as mulheres, a ex panicat se depara com uma situação em que entende como uma oportunidade de demonstrar sua “utilidade”, alegando aceitar o desafio com o intuito de provar de sua eficiência, mesmo que pra isso tivesse que ter aberto mão de sua vontade e seu bem estar.

Antes de adentrarmos na próxima reportagem analisada, precisamos expor um fato bastante curioso, as ex panicats, além de terem de se submeter a todas as brincadeiras e trolagens do programas, elas se submetiam também a “incorporar” um determinado tipo de comportamento, a mulher gostosa e burra. No site o *fluxico* (Disponível em: [/www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/panicat-babi-nao-liga-ser-chamada-de-burra/2011/06/06-110016.html](http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/panicat-babi-nao-liga-ser-chamada-de-burra/2011/06/06-110016.html)) Babi, a mesma pessoa que teve de raspar a cabeça, deu algumas declarações acerca de como ela lidava com as piadas e as chacotas que os integrantes do sexo masculino faziam com relação a ela, enfatizando sempre que a mesma era “burra”. Com base nas palavras de Babi ao site, isso tudo não passava de uma criação do próprio programa, uma espécie de modelo para a própria identidade “humorística” das panicats.

Não discutiremos aqui uma fala ou situação específica vivenciada por uma determinada Panicat, apenas discutiremos o porquê de o programa enfatizar esse discurso de mulher idolatrada sexualmente e inferiorizada intelectual, pois além de Babi, outras meninas eram tratadas assim e, muitas vezes, ficava nítido que as mesmas vestiam um certo “personagem”, parecendo por vezes um pré-requisito ao posto de panicat.

Mas qual o intuito disso tudo? Qual finalidade em vender essa imagem? Segundo a estudiosa WOLF (1992, pág. 78) esse discurso se propaga em razão de que “A cultura estereotipa as mulheres para que se adequem ao mito nivelando o que é feminino em beleza-sem- inteligência ou inteligência-sem-beleza. É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo”

Assim, embora não fosse real, essas meninas enquanto panicats e durante o programa tinha que vender essa imagem: mulher burra. De tal modo, levando em consideração as próprias contribuições da referida teórica bem como os conceitos da AD tudo isso faz questão não apenas a algo estrutural, momentâneo ou isento de uma ideologia, pelo contrário, essa pretensão em promover essa imagem atrelada à figura da mulher dentro do contexto “Pânico” ratifica a presença de marcas

ideológicas fortemente presentes em toda a história: a mulher bela, fragilizada e sem domínio próprio.

Wolf (1992) vem explicar isso ao dizer que:

As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênuo sem malícia. (WOLF, 1992, pág. 77)

Portanto, tudo isso fazia, sim, parte de um comportamento machista e desrespeitoso, ratificando assim incontáveis vezes a figura da mulher atual como um corpo gostoso e de intelectualidade inferior, uma vez que o programa não fornecia outras funções às mesmas. É bem provável que tal conjuntura seja um feedback de todas as ideologias machistas que persistem e se instauram cada vez mais em nosso meio, e o perfil "panicat" reafirma gradativamente isso, é como se fosse uma troca, um "vai e vem", o programa recebe influência de uma sociedade machista e o programa fornece e entrega ainda mais a essa mesma sociedade, machismo. Possivelmente essa seja a definição de "panicat": o machismo velado e reproduzido em forma de "personagem midiática".

Agora, partiremos para a última reportagem que faz referência a umas das situações mais polêmica e conseqüentemente mais relevante discursivamente, trata-se de um episódio que aconteceu entre Nicole Bahls e o diretor de Gerald Thomas durante uma reportagem para o programa Pânico.

Nicole Bahls integrou o primeiro grupo de panicats que conseguiu maior repercussão na mídia, sendo eleita como uma das panicats de maior destaque. Isso fez com que ela fosse convidada a participar de outros programas de televisão, assim Nicole saiu do Pânico em busca de outros trabalhos, contudo, após alguns anos ela resolve voltar, sendo chamada pela direção do pânico para trabalhar não mais como Panicat, mas como repórter.

Em sua primeira entrevista, Nicole sofre um assédio durante um evento de lançamento de um livro do diretor de teatro Gerald Thomas que aconteceu na Livraria da Travessa, no Shopping Leblon, no Rio de Janeiro, na noite de 10 de abril de 2013. Na situação, o diretor Gerald Thomas ao ser entrevistado pela ex panicat tenta colocar a mão embaixo do vestido da mesma causando uma situação extremamente desconfortável e constrangedora. A ex assistente de palco, agora

assumindo o posto de repórter, deixa explícito seu desconforto e pede de forma acanhada para que o diretor pare de fazer aquilo, porém o mesmo continua insistindo, chegando a abraçar a ex panicat por trás insinuando um ato sexual.

Diante da situação, mesmo ela demonstrando o desconforto e o constrangimento que está sentindo, ninguém faz nada, a direção não intervém, ao contrário, Geraldo Thomas insiste no ato e seus colegas de trabalho apenas riem. No entanto, o pior de tudo é que o episódio foi ao ar no programa ao vivo do domingo e toda produção, segundo o próprio apresentador Emílio Surita, considerou apenas uma brincadeira.

Conforme uma reportagem realizada pela EGO, Publicada no site da globo.com (Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/04/nicole-bahls-sobre-mao-boba-de-gerald-thomas-fiquei-sem-graca.html>), a ex panicat comentou sobre a situação e deu seu ponto de vista. Segundo Nicole Bahls: *"Foi uma brincadeira de gravação, mas fiquei sem graça. Acho que ele viu o pessoal do 'Pânico', sabe que a gente brinca, e quis fazer uma brincadeira com a gente também. Mas ele é gente boa, não foi grosseiro, não"*.

As palavras de Nicole ao se pronunciar sobre o episódio que a mesma vivenciou remete a uma tentativa de justificativa, ou seja, para ela o fato de o diretor ter abusado, muito mais que assediado, já que aconteceu o contato físico forçado para com a mesma, foi algo justificável, compreensível, já que foi provocada em razão do contexto o qual ela estava inserida anteriormente.

Nessa perspectiva podemos observar duas coisas interessantes, a primeira é que assim como em outras situações analisadas, Nicole através de suas palavras deixa implícita o que chamamos na Análise do Discurso de formação social, conceito esse que entendemos como em determinada situação um sujeito detido ou dotado de poder assumir funções diferentes. Isto é, por estar um ambiente dominado por ideologias machistas, por homens, a ex panicat se sente subordinada a passar por tais situações, embora que essas vão contra sua própria concordância, como ela mesma expressou ter se chateado, mas nesse meio social isso torna-se compreensível e tal discurso faz sentido.

Por conseguinte, podemos inferir também, seja pelas palavras de Nicole como também através da própria atitude realizada por Thomas, que em consequência dessa imposição de sentido nessa situação também acontece o que denomina a AD de formação Discursiva. Por estar em uma ambiente denominado,

sobretudo, por uma ideologia machista, que lida com a figura feminina de forma desrespeitosa e invasiva, o diretor entende o que pode ou não ser dito, o que pode ou não ser feito.

Considerando assim tal entendimento, percebemos que a atitude do entrevistado aconteceu em virtude de uma resposta em concordância com o contexto que todos eles estavam inseridos, no caso dentro de um enquadramento do programa “Pânico na Band”. Dessa forma, para Thomas sua atitude de assediar a repórter faria total sentido pois estava de acordo com todas as situações discursivas e ideológicas propagadas por aquele espaço televisivo. Foi sob essa perspectiva que essa atitude, até para a própria vítima, fez sentido e foi justificável, tanto é que diante de toda situação todos os envolvidos, com exceção da ex panicat, apenas riram.

Analisando esse acontecimento pelo viés social e histórico podemos fazer referência para explicar essa realidade as palavras da teórica Wolf (1992) quando afirma que:

Na década de 1980, quando muitas mulheres estavam se formando como profissionais liberais, a raiva contra as mulheres fazia furor nos meios de comunicação. Presenciamos um estupendo crescimento de imagens de violência sexual, nas quais a vítima era mulher. (WOLF, 1992, pág. 180)

Sob tal compreensão, percebemos que como bem nos deixa claro os estudo em AD toda situação discursiva na verdade remete a outra situação já vivenciada e determinada historicamente. Ao nos debruçarmos no capítulo anterior sobre a trajetória da mulher historicamente, vimos que os avanços feministas causaram, sim, insatisfação e diante disso as palavras de Wolf (1992, pág 181) ganham significação: “A onda de imagens de violência sexual derivou sua força da raiva dos homens e da culpa das mulheres com o acesso destas ao poder. Enquanto as mulheres lindas nos anos 50 se casavam ou eram seduzidas, na cultura moderna a beleza é violentada.”

Para a autora a violência sexual, como o assédio, é uma resposta negativa machista ao progresso feminino a sociedade, já que desde os primórdios a mulher sempre foi um sujeito inferiorizado e em virtude das revoluções feministas isso vem mudando, assim a ira diante da revolução feminina alavancou os índices de violência sexual contra mulheres.

Contraditoriamente, ao associar essa ira ao programa “Pânico” podemos discordar de tal verdade alegando que explicitamente as questões que envolvem o programa não se configuram como intenções explicitamente violentas, agressivas, já que na maior parte dos casos todas as atitudes são consideradas brincadeiras, sem nenhum teor agressivo. Porém, diante disso a própria Análise do Discurso defende a ideia de que muitas vezes aquilo que eu digo, da forma como eu digo, está associado a uma exterioridade maior que minha própria intenção conscientemente.

Para Orlandi (2009, pág. 32) “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas, pois que, ao dizer, o sujeito pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sob o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Nos respaldando em tal afirmação, torna-se possível a noção de que o próprio espaço televisionado até aqui analisado não tenha plena convicção e certeza do quanto fere à figura feminina através de todas as suas brincadeiras, tampouco as próprias panicas tem esse discernimento.

Seguindo essa lógica, trazemos a continuação das palavras de Nicole Bahls à entrevista realizada pela EGO: *“Estou vivendo um personagem e, quando voltei para o ‘Pânico’ me dispus a isso, sabia que poderia passar por situações como essa...”* e termina dizendo: *“Na hora que aconteceu, foi um choque. Se for levar para o lado pessoal, agride. Mas agora vou viver o personagem do ‘Pânico’.”* Finalizou a ex panicat.

Através das palavras de Nicole podemos perceber que a ideologia machista muitas das vezes está enraizada nas próprias mulheres, pois sem ao menos se dar conta de que ao assumir uma posição de passividade diante do ocorrido e tentar justificar e tornar aceitável a atitude do diretor, Nicole acaba reproduzindo um discurso de que por estar em um ambiente que não é o modelo ideal à mulher essa pode acarretar consequências a sua própria dignidade.

É certo que nem a própria tenha consciência disso, tampouco torna-se culpada por assumir tal postura perante essa situação, pois como nos deixa claro Kruks (1995, p. 90): *“‘minha’ situação não é estritamente ‘minha’, mas parte de uma situação mais geral que transcende a minha experiência imediata [...] A liberdade é, [portanto], uma relação de mão dupla, inseparável de nossa inserção no mundo”*. É exatamente sob essa interpelação ideológica que o indivíduo torna-se sujeito e propaga seu discurso, ao interferir na produção de sentidos do mesmo.

Além disso, com base em toda essa situação vemos o que a AD vem apresentar como sendo a natureza do conhecimento discursivo e o conceito de informação, sendo

esses defendidos pela Análise do Discurso como o fato de que por mais que o falante “saiba” sua língua, ele jamais tem pleno conhecimento do seu dizer, pois o discurso não é estreitamente lexical, mas tem seu significado e sentido

Outro ponto a ser discutido é a presença da expressão “vou viver o personagem do Pânico”. Mas qual seria, de fato, esse personagem? Com base nas palavras da ex assistente de palco, a ideia de que o programa “Pânico na Tv” propaga uma padronização da figura feminina, influenciando inclusive toda uma sociedade com base em toda repercussão midiática, mais uma vez é confirmada. Ao lidar com uma representação feminina tão engessada e moldada segundo as ambições do próprio público masculino, constatamos que tal personagem, mediante a tudo que foi posto e discutido, por estar à mercê de tanta violação e desvalorização, se define como sendo uma reprodução machista que ofende o sujeito-mulher em nossa contemporaneidade.

Diante de tudo, cabe-nos perceber que é por essa perspectiva de mulher enquanto objeto padronizado, ridicularizado, subordinado e violado difundida através da identidade panicat que o programa “PÂNICO” se caracteriza como uma forma de degradação e ofensa ao sujeito-mulher em nossa sociedade, promovendo para essa geração um discurso machista e sem pudor, disfarçado de riso e consentido inocentemente pelas próprias vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que deu início a esse trabalho objetivou a discussão e compreensão acerca das ideologias machistas propagadas no contexto televisivo Pânico na Tv. Além disso, foi realizado um estudo em Análise do discurso para que, com base nessa ciência, fosse possível entender de forma respaldada e patente as influências ideológicas que constroem discursivamente o sujeito-panicat na mídia e quais as condições pelas quais esse discurso é emitido.

No primeiro capítulo foi realizado um levantamento histórico do percurso da Análise do Discurso de linha francesa, abordando assim a relevância desse dispositivo de leitura para a realização da presente pesquisa e ressaltando também os principais teóricos e estudiosos dessa área do conhecimento. Ademais, em tal capítulo também foi apresentado e discutido alguns conceitos em Análise do discurso pertinentes a proposta de análise, como por exemplo: discurso, ideologia, sujeito, formação discursiva etc. Apropriando-se de tais conceitos e conhecimentos a pesquisa se fundamentou em uma análise não empírica, mas sobretudo embasada teoricamente.

No segundo capítulo foi realizada uma discussão fundamentada teoricamente acerca de como a mulher e o corpo feminino foram retratados ao longo da história, onde também pode ser realizado um estudo de como as ideologias machistas se fortaleceram historicamente e os motivos pelos quais ainda hoje essas ideologias, embora nocivas e injustas à imagem do sujeito-mulher, permanecem fortemente presentes em meio a sociedade.

Além disso, através do segundo capítulo foi possível uma compreensão melhor acerca da trajetória feminina e suas lutas em busca de sua liberdade e autonomia, onde no mesmo foi apresentado através de um estudo baseado em teóricos e estudiosos a condição da mulher e os avanços que o feminismo vem possibilitando nessa perspectiva. Mediante essa discussão tornou-se perceptível as rupturas que o sujeito-mulher vivenciou ao longo do tempo, ao que vem deslocando-se de mulher submissa e desprezada à mulher dona de si e autônoma.

Finalmente, no terceiro capítulo foi apresentada uma breve contextualização sobre o programa Pânico na Tv/Pânico na Band, bem como foi abordado e analisado de forma contundente o sujeito-panicat, discutindo assim sua evidência e relevância social no contexto nacional da contemporaneidade e as marcas

discursivas e ideológicas que marcam esse sujeito, principalmente nessa perspectiva midiática. Para a realização dessa discussão foi necessário um levantamento a respeito de fatores intrínsecos ao programa Pânico na Tv/Pânico na Band, explorando características significativas para a compressão da identidade que esse espaço televisivo possui.

Para a efetivação da análise, além do respaldo ocasionado pelo estudo em Análise do Discurso, bem como uma discussão a respeito da mulher nas malhas da história e o entendimento sobre o espaço televisivo abordado, no terceiro capítulo foi posto em questão a análise de quatro reportagens relacionadas a acontecimentos que envolveu as panicats, estando todas essas situações incorporadas ao referido programa. Através disso, pode ser realizada uma discussão embasadas pelos próprios conceitos da AD e sob a óptica de demais teorias acerca dessas reportagens.

Nas situações analisadas, bem como através dos discursos e dizeres proferidos através dessas, foi possível identificar vários discursos machistas. Ademais, no caso do programa Pânico na Tv, o presente trabalho pode possibilitar uma visão acerca de como esse espaço televisivo reproduz um discurso machista e prejudicial ao sujeito-mulher, utilizando do sujeito-panicat para reforçar ainda mais uma ideologia em que desconsidera e inferioriza a figura feminina, de tal modo que, segundo os estudos realizados em Análise do Discurso, o que pareciam brincadeiras e “trolagens” nada mais eram que a materialização de um discurso preconceituoso e enraizado historicamente.

Portanto, conclui-se que a presente pesquisa pôde proporcionar uma reflexão acerca da importância que esse dispositivo de leitura, que é a Análise do Discurso, assume diante de um mundo com tantas influências ideológicas nocivas ao convívio social. Além disso, através da mesma tornou-se evidente o quanto é importante falar sobre a figura feminina de modo a compreender que embora com tantos avanços, ainda há muito o que desconstruir e evoluir nessa busca por um espaço social mais justo e isento de sexismo. Para mais, diante da mesma pode ser entendido o quanto as influências ideológicas machistas violam a liberdade e autonomia feminina, evidenciadas sobretudo através do sujeito “panicat “ no programa Pânico na Tv/Pânico na Band.

Por fim, vale destacar que entender o que é análise do discurso, é muito mais que se deter à teorias e conceitos limitados, antes de tudo, é termos a oportunidade

de estarmos mais conscientes e esclarecidos acerca das inúmeras “verdades” que nos são postas, muitas vezes de forma velada, e que nos condicionam a sermos ignorantes e manipulados por, muitas vezes, ideologias machistas e nocivas a nossa construção enquanto sujeitos histórico-social. É sob essa perspectiva que a presente pesquisa se define e se faz necessária.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- CITELLI, Adilson O. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo, SP. Ática, 2002.
- AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4 edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7 impressão – Rio de Janeiro, 2020.
- BEAUVOIR, Simone de.P **Segundo Sexo**, Vol.2: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2016.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BRANDÃO, Helena N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Edunicamp, 1991.
- DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do Discurso-Algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: EDUFCG, 2007.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do Discurso: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. In: INDURSKI, Freda; 2007.
- KRUKS, S. 1992. “**Gender and subjectivity: Simone de Beauvoir and contemporary feminism**”. *Signs*, v. 18, n. 1, pp. 89-110. _____. 1995. “Simone de Beauvoir: teaching Sartre about freedom.” In: SIMONS, M. (ed.). *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press
- LIPOVETSKEY, Gilles. **A terceira mulher - Permanência e Revolução do Feminismo**, Lisboa: Éditions Gallimard, 1997.
- MOI, T. 1990. **Feminist theory & Simone de Beauvoir**. Oxford: Blackwell. _____. 2001 [1999]. *What is a woman?: and other essays*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ, Vozes Editora. 2ª edição. 1998.
- ORLANDI, Eni. P. **ÁLISE DO DISCURSO: princípios e procedimentos**, Eni P. Orlandi. 8 Edição, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61 – 105.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Contextos epistemológicos da análise de discurso. Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade**, Campinas, n. 4, p.07-16, maio 1999. Tradução de Eni Orlandi (Labeurb/Nudecri).

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**/Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi – 5 Edição, Campinas, SP Pontes Editora, 2008.

Reportagem relacionada ao programa Pânico na TV disponível em:
<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/virar-panicat-e-mais-dificil-do-que-passar-no-vestibular-de-medicina-2351/> acesso em: 10/05/2018

Reportagem relacionada ao programa Pânico na TV disponível em:
<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/eu-fiquei-depressiva-diz-babi-rossi-ao-lembrar-ter-o-cabelo-raspado-ao-vivo-em-programa/> acesso em: 10/05/2018

Reportagem relacionada ao programa Pânico na TV disponível em:
<https://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/panicat-babi-nao-liga-ser-chamada-de-burra/2011/06/06-110016.html/> acesso em: 07/10/2018

Reportagem relacionada ao programa Pânico na TV disponível em:
<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/04/nicole-bahls-sobre-mao-boba-de-gerald-thomas-fiquei-sem-graca.html/> acesso em: 07/10/2018

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. 2 Ed. Revista. Petrópolis: Vozes, 2010.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Tradução de: Waldéa Barcellos.

ANEXOS

ANEXO 1 - PRIMEIRA REPORTAGEM ANALISADA: ESCOLHA DAS PANICATS

NÃO BASTA SER BONITA


Virar panicat é mais difícil do que passar no vestibular de medicina

FOTO: DR. SPACANO/TQS DA TV



A modelo Carol Dias em frente à platéia do Pânico: Panicat tem de ter carisma e personalidade, diz

DANIEL CASTRO - Publicado em 16/02/2014, às 19h15

 **UOL Newsletters**

Receba notícias exclusivas do UOL em seu email. É de graça!

QUERO RECEBER

Vida de panicat é moleza. É só ficar rebolando no palco e mostrar a bunda para as câmeras. Certo? Errado. Vida de panicat é dureza. Para ganhar dinheiro, elas trabalham quase todos os dias. E, para virar assistente de palco do Pânico na Band, é necessário passar por um processo de seleção mais rigoroso do que o mais competitivo dos vestibulares.

O Pânico procura novas panicats há um ano. Nesse período, segundo Alan Rapp, diretor do programa, foram analisadas 300 candidatas. Só uma delas tem chance, "uma menina linda do interior", mas que "tem que encorpar as pernas".

LOJA
VIRTUOL

CRIE SUA LOJA
EM POUCOS
CLIQUEs

Até ontem (16), havia três vagas para panicats. Uma delas foi ocupada por Babi Muniz, depois de um ano sendo submetida a trollagens no programa, uma espécie de trote antecipado. Isso coloca o "vestibular" do Pânico como o mais concorrido do país. Se houvesse uma vaga para as 300 candidatas testadas até agora, seria uma disputa cinco vezes mais acirrada do que a do curso de Medicina da USP (Universidade de São Paulo).

Como é esse vestibular? "As meninas mandam fotos e a gente chama para uma entrevista. É uma puta decepção. Elas estão muito fortes. Está rolando uma onda de menina forte e a gente não quer. Arrumar panicat é uma das coisas mais difíceis do programa", diz Alan Rapp, que está fazendo seleção em Santa Catarina.

Veja fotos da panicat Carol Dias



Carol Dias chega na Band para participar do Pânico na Band

Segundo Rapp, o fato de ter que mostrar a bunda não inibe as candidaturas. "As meninas que querem trabalhar em televisão não têm preconceito", afirma. E não basta ser linda e ter o corpo perfeito. "Tem de ser simpática, carismática e extrovertida", completa.

"As pessoas acham que ser panicat é ser gostosa. Não é isso. O mais importante é ter carisma, é ser aceita. Tem que falar bem, ser articulada. Cada menina tem de ter a sua personalidade, panicat não pode ser fresca, tem de topar tudo, ser flexível. Não é só vir aqui e ficar rebolando", diz Carol Dias, 26 anos, ex-Legendários, panicat há um ano.

Carol diz que é puro preconceito a ideia de que panicat é garota de programa. "Isso é ridículo", diz. Segundo ela, a exposição no humorístico da Band compensa. "A gente trabalha muito, faz evento e ganha bem", conta. "O meu forte são campanhas publicitárias. Ser panicat me abriu muitas portas", afirma, elencando as três marcas que representa, uma de sapatos, uma de cosméticos e outra de óculos.

 UOL Newsletters

Receba notícias
exclusivas do UOL
em seu email.
É de graça!

QUERO RECEBER

+ Lidas



A Dona do Pedaco:
Josiane leva rasteira
da mãe e enlouquece



**Após resistir à pressão
política, Record afasta
Paulo Henrique
Amorim da TV**



**Encurralada pela
Justiça, Globo negocia
contratos e reduz
salários de artistas**



**Em A Dona do Pedaco,
Lyris expulsa Agno do
armário: 'Marido gay'**



**Globo convoca
apresentadores para
conversa sobre salário
e causa desconforto**

Curta no Facebook  Curte

 Compartilhe no Twitter

ANEXO 2- SEGUNDA REPORTAGEM ANALISADA: BABI ROSSI RASPA O CABELO

Modelo perdeu os fios em 2012

TV E ENTRETENIMENTO

Do R7

© 19/01/2016 - 08h15 (Atualizado em: 17/05/2019 - 20h27)



A-

A+



Modelo relembra passado em programa

Reprodução/Instagram

Babi Rossi marcou presença na noite da última segunda-feira (18), no quadro Máquina da Verdade, do programa *Superpop*.

Durante a entrevista, Luciana Gimenez relembrou um marco importante na carreira da modelo: raspar a cabeça ao-vivo no programa *Pânico na TV*, onde trabalhava em 2012.

Ao ser questionada se ela se arrependia do que fez, Babi foi direta e clara na resposta.

— Me arrependi. Porque eu vestia a camisa, sabe? Eu fiquei mal na época, mexe com o ego da mulher. Eu fiquei depressiva.

A modelo ainda contou que não sabia que iria perder os fios.

— Não foi nada combinado, todo mundo acha, mas não. Duas semanas antes rolou um assunto, e perguntaram se eu rasparia o cabelo. Aí cheguei em casa com esse assunto, mas eu pensava que fosse brincadeira. No domingo, ao vivo, me colocaram em uma sala e foi o que todo mundo viu.

Babi ainda revelou que só aceitou o que foi imposto por pensar que seria recompensada.

— Eu achei que aquilo ia ser bom, para eu ter uma oportunidade melhor, por verem que eu sou raçuda, mas, eu não ganhei nada, nem um centavo. Ganhei um muito obrigado, você raspou a cabeça, você foi muito corajosa

Leia mais:

[Babi Rossi mostra corpão em ensaio feito pelo pai: "Sem filtro"](#)

ANEXO 3 - TERCEIRA REPORTAGEM ANALISADA: AS PANICATS SÃO CHAMADAS DE BURRAS

NOTÍCIAS

06/06/2011 | 12h18m - Publicado por Felipe Carvalho | Foto: Ag. News



PANICAT BABI NÃO LIGA SER CHAMADA DE 'BURRA'

Ela diz que os integrantes do Pânico na TV aproveitam de sua falta de conhecimento para fazerem piadas



Panicat Babi não liga ser chamada de 'burra' - Ag. News

SOBRE



Babi Rossi

VER PERFIL

NOTÍCIAS RELACIONADAS



Como ele está agora é de cortar o coração

Finance Nancy



Fase difícil de Neymar é explicada na numerologia



SAMSUNG Galaxy A10/A20/A30/A50

Bem-vindo à Era da Live.

SAIBA MAIS

Imagens de caráter ilustrativo.

Babi Rossi, a caçulinha entre as assistentes de palco do *Pânico na TV*, não se incomoda quando os integrantes do programa a fazem parecer burra nas matérias que fazem. Constantemente levada para acompanhar entrevistas com torcedores e jogadores de futebol, ela confessa que não sabe nada sobre o esporte.

"Eu não me incomodo quando me fazem parecer burra no Pânico porque acho que é um personagem apenas. Isso não me afeta, de maneira alguma! Não sei sobre futebol, então, não tenho o que perguntar para os jogadores".

A loura conta que as maiores críticas ela lê através de sua página no Twitter e que os integrantes do programa utilizam sua falta de conhecimentos como piada.

"Às vezes eu chego a ler no Twitter, por exemplo, as pessoas me xingando de burra, isso ou aquilo, mas eu não sou obrigada a entender de todos os assuntos. Eles, do *Pânico*, usam isso como uma forma de fazer piada e brincadeira".

👉 Fluxico: O site que é referência sobre famosos. Notícias apuradas, sempre em primeira mão.

ANEXO 4 - QUARTA E ÚLTIMA REPORTAGEM ANALISADA: NICOLE BAHLS É ASSEDIADA DURANTE GRAVAÇÃO DO PROGRAMA PÂNICO

publicada em 11/4/2013 | atualizada em 11/4/2013

Bahls sobre mão boba de Gerald Thomas: 'Fiquei sem graça. Agride'

Modelo falou que, por estar participando de uma gravação do 'Pânico', relevou a situação. Mas que na vida real, daria um tapa em que ousasse.

Eliane Santos
Do Ego, no Rio



Gerald e Nicole: saís justa e complicada

Dois anos afastada do "Pânico" fizeram com que **Nicole Bahls** esquecesse o quanto são pesadas algumas brincadeiras da atração. E logo em sua primeira gravação, ela lembrou o quanto pode ser difícil um dia de trabalho por lá. É que na quarta-feira, 10, ela teve que ter jogo de cintura para lidar com o diretor teatral **Gerald Thomas** tentando enfiar a mão dentro do seu vestido e se esfregando nela durante o lançamento de seu livro.

"Foi uma brincadeira de gravação, mas fiquei sem graça. Acho que ele viu o pessoal do 'Pânico', sabe que a gente brinca, e quis fazer uma brincadeira com a gente também. Mas ele é gente boa, não foi grosseiro, não", diz Nicole garantindo ainda que, se a situação tivesse acontecido fora do trabalho, o engraçadinho seria punido com um tapa.

"Talvez desse um tapa, sim. Mas com

certeza ia dar uma confusãozinha", diz.

Nicole diz que ficou chateada, mas que, de agora em diante, vai tentar separar as coisas para não sofrer tanto. "Estou vivendo um personagem e, quando voltei para o 'Pânico' me dispus a isso, sabia que poderia passar por situações como essa. Todos já passaram; o Ceará teve que pular de um lugar mesmo tendo medo de altura, a Sabrina também... Na hora que aconteceu, foi um choque. Se for levar para o lado pessoal, agride. Mas agora vou viver o personagem do 'Pânico'", diz.



Itaú

Cliente Itaú tem.
Não é cliente?
Então vem.

Saiba mais

TOP
FAMOSOS

os famosos mais falados agora



MAIS LIDAS